

VIDRO ARQUEOLÓGICO DA CASA GOUVEIA (ÉVORA): DO VIDRO ROMANO AO VIDRO INDUSTRIAL

Manuela Almeida Ferreira¹

RESUMO:

Em 1998, quando este artigo foi redigido, eram poucos os conjuntos de vidro Moderno – o grupo mais significativo deste espólio – que tinham sido recuperados em escavações urbanas realizadas em Portugal. O espólio da Casa Gouveia, de Évora, compreende vidros desde a época romana (do séc. I até ao Baixo Império) até ao século XX (vidro prensado). O interesse desta publicação reside nesta longa diacronia dos materiais e, particularmente, no vidro moderno, em especial no que respeita os copos e os dispositivos farmacêuticos dos séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: Vidro Romano, Medieval-Renascentista e Moderno – Vidro gravado – Vidro prensado – Vidro de Farmácia.

ABSTRACT:

In 1998, when this article was achieved, few Modern Times glassware – the more impressive group of these finds – had been recovered yet from Portuguese archaeological urban sites. The finds from Évora date from Roman times (1st-century to late Empire) till the 20th-century (pressed glass). Hence the interest of this publication, especially in what concerns the drinking glasses and the pharmaceutical devices of the 16th-and 17th-centuries.

Keywords: Roman, Medieval & Renaissance and Modern Glassware – Engraved Glassware – Pressed Glassware – Apothecary Glass Devices.

INTRODUÇÃO

Afigura-se-nos muito heterogéneo, a vários níveis, o espólio vítreo proveniente da Casa Gouveia². No que toca ao vidro romano, tal heterogeneidade vem somar-se à incerteza aportada à datação de certos espécimes pela discrepância cronológica dos paralelos oriundos de diferentes regiões do Império Romano. Tais factores determinaram a abordagem deste espólio por grupos funcionais. O ensaio de ordenação das formas reconhecíveis no qual fazemos corresponder, sempre que possível, os vidros de Évora às formas das tipologias de referência habitual (Isings e Morin-Jean) revela, de resto, a dispersão cronológica do material.

Por outro lado, a ausência de estratigrafia dificulta especialmente a datação relativa do vidro post-romano. Assim, após havermos considerado, à luz de critérios cronológico-funcionais, a vidraria que con-

¹ Mestre em Arqueologia

² Estudo e publicação autorizados pela Delegação Regional de Évora do (então) Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico.

sideramos medieval e aquela que datámos do Renascimento e do Barroco, passaremos a examinar ora sob uma óptica tecnológica, ora do ponto de vista funcional, as peças mais recentes ou, como é o caso das braceletes, aquelas que é difícil localizar num período, ou períodos, determinado.

A – ESTUDO TIPO-CRONOLÓGICO DO VIDRO ROMANO (FIG. 1)

Taças e copos (n.ºs 1 – 14)

O n.º 1 é uma taça de copa canelada, prensada em molde, correspondente à forma 3a de Isings³ e ao tipo 68 de Morin-Jean⁴. Data, portanto, da primeira metade do séc. I. As taças sobre o hemisférico n.ºs 2 a 5 afiguram-se-nos seguir a forma 41a de Isings, datável da segunda metade do séc. I⁵.

Não lográmos encontrar paralelo para a taça n.º 6. Apesar de atípico, a qualidade do vidro autoriza a classificação deste fragmento como vidro romano.

Os fios aplicados em relevo ao redor da parede do n.º 7 sugerem a datação do vaso, que julgamos tratar-se de uma taça, no século III, século áureo deste tipo de decoração. Dos finais do século I e do século II são os paralelos dos n.ºs 8 e 9, taças que correspondem, *grosso modo*, à forma 47 de Isings⁶. É análoga a certas taças de Conimbriga, datadas de c. 200 d.C.⁷, aquela (n.º 10) que reconstituímos de acordo com a sugestão, quanto ao tipo de base, apresentada para os paralelos invocados⁸.

O fragmento n.º 11 pertenceu a uma taça, do tipo 73 de Morin-Jean⁹, datável do século III tardio ao século IV. São numerosos os exemplares, aliás notáveis pela decoração gravada, deste tipo de taça. Os motivos geométricos variam pouco. Paradigmático é o espécime de Bona publicado por Follmann-Schultz¹⁰. As taças deste tipo e ornadas deste modo que detectámos, e seguem, afinal, modelos metálicos cuja estética se enraíza no artesanato persa¹¹, foram datadas do Império Médio (século III)¹² ao século IV¹³.

Os n.ºs 12 e 13 parecem-nos, pelos perfis, ter pertencido a copos altos, eventualmente repousando sobre bases cónicas, da forma 86 de Isings, datáveis dos finais do século II e do século III¹⁴, análogos àquele, publicado por Fremersdorf, que ocorreu associado a moedas de Antonino Pio e Marco Aurélio¹⁵ e, ainda, ao de Dijon dos séculos II-III¹⁶.

Provenientes de Conimbriga, são conhecidos bordos idênticos aos destes copos que foram datados de c. 200 D.C. e são, todavia, atribuídos a taças¹⁷. De qualquer forma, e qualquer que se considere ter sido o tipo de vaso a que pertenceram os bordos de Évora, a decoração de fios aplicados concorda com a cronologia de ambas as formas propostas. As paredes terão sido decoradas por aplicações vermiculares do estilo das que se observam no n.º 25 A & B.

³ Isings, 1957, p. 18-19.

⁴ Morin-Jean, 1913, p. 122, fig. 151.

⁵ Isings, 1957, p. 56-57.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 62.

⁷ Alarcão e Alarcão, 1965, p. 80, est. IV/115; *Fouilles...*, 1976, p. 186, est. XL/167-68.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 80, est. IV/117.

⁹ Morin-Jean, 1913, p. 125-26.

¹⁰ Follmann-Schultz, 1988, p. 106, est. 46/392.

¹¹ Fremersdorf, 1967, p. 96, est. 88.

¹² Clairmont, 1967, p. 72, est. XXVI/267; *VITRUM...*, 1990, p. 75, fig. 32.

¹³ Fremersdorf, 1967, p. 82, est. 59, p. 106-07, est. 107.

¹⁴ Isings, 1957, p. 103.

¹⁵ Fremersdorf, 1959, p. 41, est. 18.

¹⁶ *VITRUM...*, 1990, p. 163, fig. 183.

¹⁷ Alarcão e Alarcão, 1965, p. 80, est. IV/110 e 112.

No caso vertente é impossível, porém, assegurar terem estes dois fragmentos pertencido aos n.ºs 12 e 13, podendo antes terem feito parte de garrafas idênticas às de Colónia, publicadas por Fremersdorf¹⁸, de que reproduzimos, na Fig. 2, o modelo apresentado por Isings.

A taça n.º 14 será considerada abaixo, visto ser tecnologicamente aparentada com os pratos n.ºs 17 a 20 e, em particular, com os n.ºs 17 e 18. As taças n.ºs 15 e 16 são formas do Baixo-Império, quiçá já do período suevo ou visigótico (séculos IV-VI). Os paralelos conhecidos deste horizonte cronológico são numerosos¹⁹, mas tal forma não figura na morfologia de Morin-Jean nem na tipologia de Isings.

Pratos (n.ºs 17 – 22)

Os pratos n.ºs 17 a 20, bem assim como a taça n.º 14, pertencem ao grupo da vidraria romana moldada e, seguidamente, polida.

Os n.ºs 17 e 18 ostentam as ranhuras internas, gravadas à roda, que são observáveis em certas outras formas abertas, quer se trate de taças – como é o caso das de Conimbriga²⁰, de Augst e de Kaiseraugst e Fishbourne²¹ – quer de pratos de aba, como se verifica entre o espólio de Doura-Europos²² e, de novo, de Augst e Kaiseraugst, alguns dos quais feitos segundo a técnica de *millefiori*²³.

Sendo as datações apresentadas pelos vários autores discrepantes, é provável que a prática das ranhuras gravadas internamente tenha sido de uso desde os finais do séc. I (Conimbriga e Fishbourne) até meados do século III (Augst e Kaiseraugst), tendo percorrido toda a dinastia flávia (Doura-Europos)²⁴.

Não foi possível determinar o diâmetro do bordo n.º 14. O mesmo sucedeu com um fragmento de Nîmes²⁵ que, pela orientação da parede, constitui o paralelo mais próximo do bordo de Évora.

O prato covo n.º 20, de aba em forma de acento circunflexo, ou aspa, não ocorre nem na morfologia de Morin-Jean nem na tipologia de Isings. Os autores do estudo dos pratos deste tipo encontrados em Conimbriga recorreram aos trabalhos de D. B. Harden sobre os exemplares da mesma forma de Karanis. Este autor distinguiu um tipo IBI e um tipo IBII que localizou, cronologicamente, no século II²⁶. Estamos em presença de mais uma forma que, fabricada talvez em Alexandria e exportada para o Ocidente, terá copiado bacias de metal do início do Império²⁷. O n.º 21 será o pé de um destes pratos. O n.º 22 assemelha-se à forma Isings 22, datável do século II²⁸.

Garrafas e frascos (n.ºs 23 – 26)

A asa n.º 23 pertenceu verosimilmente a uma garrafa, cilíndrica ou prismática, correspondente às formas 50 ou 51 de Isings. Estas formas estão documentadas a partir de meados do século I, foram fabricadas ao longo do século II e prolongaram-se, embora aparentemente com menor frequência, até ao século III²⁹.

¹⁸ Fremersdorf, 1959, pp. 42-43, est. 19 e 23.

¹⁹ Alarcão e Alarcão, 1965, pp. 120-21, est. VIII-IX; *Fouilles...*, 1976, p. 193, est. XLII/203 e 212; *VITRUM...*, 1990, p. 168, fig. 190.

²⁰ *Fouilles...*, 1976, p. 161, est. XXXIV/19-21.

²¹ Rütli, 1991, Vol. II, p. 40, est. 38/809, 818, 820-23.

²² Cunliffe, 1971, p. 328, fig. 137/14.

²³ Clairmont, 1967, p. 28, est. II/65, 72, 77.

²⁴ Rütli, 1991, Vol. I, p. 132, fig. 88.

²⁵ Sternini, 1991, est. 56/314.

²⁶ Citado por Alarcão e Alarcão, 1965, p. 59-61 e 75-76, est. III e IV.

²⁷ Alarcão e Alarcão, 1965, p. 60.

²⁸ Isings, 1957, p. 38.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 63-68.

O unguentário nº 24 segue o tipo 19 de Morin-Jean³⁰ e a forma 84 de Isings³¹ que, em Conimbriga, foi datada da época flávia ao séc. III³². Os fragmentos 25A e 25B devem ter feito parte de um frasco ovóide, da forma 93 de Isings, decorado nos finais do século II ou no século III com cordões serpentiformes aplicados em relevo.

Quanto ao nº 26, sobre cuja classificação enquanto romano paira alguma reserva – um bordo em aresta viva tê-la-ia afastado –, pode aproximar-se da *ampulla* de corpo globular retida por Morin-Jean (tipo 40) e Isings (formas 104a ou 104b)³³. Dois paralelos a referir correspondem à forma 101a de Goethert-Polaschek (séc. IV)³⁴ e uma *ampulla* de Autun atribuída à mesma centúria³⁵.

CATÁLOGO

Nº 1 – Taça. Copa hemisférica. Prensada em molde. Vidro transparente verde pálido (Methuen 26 A3). EVR.GOU.1575.

Nº 2 – Taça. Bordo engrossado pelo exterior. Copa sobre o hemisférico. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø 96 mm EVR.GOU.278.

Nº 3 – *Idem*. Ø 114 mm EVR.GOU.ÁREA 577. ZONA 13.

Nº 4 – *Idem*. Ø 114 mm EVR.GOU. ÁREA 594. CORTE 13.

Nº 5 – *Idem*. Cor original indefinível, dadas a opacificação e irisão da matéria. Ø 118 mm EVR.GOU. ÁREA 621. CORTE 13.

Nº 6 – *Idem*. Bordo em forma de cabeça de fósforo, esvasado, sublinhado por duas caneluras. Copa hemisférica. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 114 mm EVR.GOU. ÁREA 323. CORTE 12.

Nº 7 – Taça (?). Copa sobre o hemisférico (?), decorada por dois fios aplicados, em relevo. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 C5). Ø c. 80 mm EVR.GOU. ÁREA 1459.

Nº 8 – Taça. Bordo engrossado pelo lado interno. Copa troncocónica baixa. Sopragem livre. Vidro transparente incolor muito alterado e irisado. Ø 98 mm EVR.GOU. ÁREA 977. ZONA 16.

Nº 9 – *Idem*. Cor original indefinível, dada a alteração da matéria. Ø 214 mm EVR.GOU.282.

Nº10 – Taça. Bordo em forma de cabeça de fósforo, esvasado, sublinhado por uma canelura. Copa sobre o hemisférico (?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2). Ø 112 mm EVR.GOU. ÁREA 334.

Nº11 – Taça. Sopragem livre. Decorada por motivos geométricos gravados à roda. Vidro transparente incolor, irisado. EVR.GOU.ÁREA 745. Testemunho entre os cortes 9 e 13.

Nº12 – Copo (?). Bordo trapezoidal. Decorado por um fio aplicado em relevo. Sopragem livre. Cor original indefinível, dadas a opacificação e a irisão da matéria. Ø 78 mm. EVR.GOU. ÁREA 645. CORTE 13.

Nº13 – *Idem*. Bordo em forma de cabeça de fósforo. Decorado por um fio aplicado em relevo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø 86 mm EVR.GOU. ÁREA 366.

Nº14 – Taça (?). Paredes esvasadas, internamente sulcadas por uma ranhura gravada à roda. Vidro moldado. Cor original indefinível, dada a alteração da matéria. Ø indeterminável EVR.GOU. ÁREA 323. CORTE 12.

Nº15 – Taça. Bordo engrossado pelo lado externo. Paredes esvasadas em S. Sopragem livre. Cor original indefinível, dadas a opacificação e irisão da matéria. Ø 156 mm EVR.GOU.ÁREA 1017. ZONA 18.

³⁰ Morin-Jean, 1913, p. 66 e seg.

³¹ Isings, 1957, p. 100-101.

³² Alarcão e Alarcão, 1965, p. 96-97, est. VI/154. ³¹ Morin-Jean, 1913, p. 91-93, fig. 107.

³³ Isings, 1957, p. 123-24.

³⁴ Goethert-Polaschek, 1977, est. 24/266.

³⁵ VITRUM..., 1990, p. 224, fig. 255.

Nº16 – *Idem*. Bordo engrossado pelo lado interno. Paredes rectas esvasadas. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito levemente tingido de amarelo, muito irizado, contendo numerosas bolhas de ar. ø 164 mm EVR.GOU. ÁREA 473. CORTE 14.

Nº17 – Prato. Aba oblíqua sulcada, pelo lado interno, por uma ranhura gravada à roda. Moldado. Vidro transparente incolor, completamente irizado. ø 166 mm EVR.GOU. ÁREA 945. ZONA 16.

Nº18 – *Idem*. Aba oblíqua. Copa em forma de calote esférica. Moldado. Cor original provavelmente incolor; vidro em boa medida opacificado e muito irizado. ø 190 mm EVR.GOU. ÁREA 593. CORTE 13.

Nº19 – *Idem*. Aba oblíqua. Copa verosimilmente em forma de calote esférica. Moldado. Cor original indefinível dada a alteração da matéria. ø 194 mm EVR.GOU. ÁREA 323. CORTE 12.

Nº20 – *Idem*. Bordo em forma de acento circunflexo. Copa verosimilmente em forma de calote esférica. Moldado. Cor original indefinível dada a alteração da matéria. ø 206 mm EVR.GOU. ÁREA 323. CORTE 12.

Nº21 – Pé anelar. Vidro transparente incolor, muito irizado. ø 52 mm EVR.GOU. ÁREA 745. Testemunho entre os cortes 9 e 13.

Nº22 – Prato. Bordo engrossado pelo lado externo. Paredes rectas esvasadas. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irizado. ø 132 mm EVR.GOU. ÁREA 1142.

Nº23 – Asa de garrafa. Vidro transparente verde aquamarina (Methuen 25 B6). EVR.GOU. ÁREA 1761.

Nº24 – Unguentário. Bordo em aba horizontal tubular. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, esverdeado (Methuen 26 A2), muito irizado. ø 58 mm EVR.GOU. ÁREA 1355.

Nº25 A e B – Fragmentos de parede (de frasco?). Decorados por cordões incolores espiralados aplicados em relevo sobre fundo transparente incolor, muito irizado. Sopragem livre. EVR.GOU.745. ZONA 16. Testemunho entre os cortes 9 e 13 e EVR.GOU.945.ZONA 16, respectivamente.

Nº26 – Frasco. Bocal em forma de funil. Corpo globular (?). Sopragem livre. Vidro opacificado e completamente irizado. ø 48 mm EVR.GOU.956 Testemunho entre 14 e 9.

B – Vidro e sociedade, da Idade Média ao século XIX

A necessidade de contextualizar, no quotidiano de cada época, os vasos de vidro analisados motivou o apelo a fontes iconográficas e escritas, para além dos paralelos nacionais e estrangeiros coevos que, no caso dos exemplares medievais, foram todavia as únicas referências disponíveis³⁶.

A pesquisa documental revela-se mais frutuosa do que a iconográfica, no que à vidraria do Renascimento e do Barroco respeita, mas é verdadeiramente só ao nível da alta burguesia que se multiplicam, em inventários e testamentos, as menções a peças de vidro. Por exemplo, datam de 1593 e de 1605 dois inventários de dois fidalgos da casa d’El-rei que, detentores de mobiliário de escolha e porcelanas orientais, apenas possuíam, respectivamente, “*Duvas aredomas de vydro em trezentos réis*” e “*Hu frasquo de vydro grande chapeado avalliado em oytocentos réis*”³⁷.

Por ocasião da recepção da corte no Convento de Cristo em Tomar, no reinado de D. João III (1551), foi o paço nabantino provido de “copos de vidro”³⁸ cujo tipo resta, porém, impreciso. A demais documentação dos sécs. XVII e XVIII manipulada concorda com um quadro de utilização de recipientes em vidro bastante reduzido e limitado aos mais afortunados.

A par com produtos certamente importados, oficinas nacionais havia onde se produziam objectos de vidro. No Alentejo, refere Cadornega um “forno de vidro”, adstrito ao próprio palácio ducal de Vila Viçosa, que existiria já em 1639, ano em que o autor deixou Portugal³⁹. Segundo o autor da *Descriçã*

³⁶ O poster de nossa co-autoria com Teresa Medici, «Mould blown decorative patterns on medieval and post medieval Portuguese glass», apresentado em Outubro de 2008 em Bruxelas, por ocasião do *Colloque de l’Association Française pour l’Étude du Verre*, a ser publicado em finais de 2009 nas Actas do mesmo convénio (*Scientia Artis*, vol. 5), é um tentame de sistematização deste tipo de decoração.

³⁷ Pires, 1897, p. 710 e 728.

³⁸ *Anais...* – 1454-1580, 1970, Vol. VII, p. 315.

³⁹ Cadornega, 1983 [1ª ed. 1683], VII-VIII e p. 89.

da muito populoza e sempre leal Villa Viçozza..., nas oficinas vidreiras do paço ducal “*se faziam mui bons vidros, com artefici veniziano, que era Pero Paulo...*”; saíam, pois, “*muitas cargas de vidros em zangarilhas para todas aquelas vilas e cidades do Alentejo a vender...*”⁴⁰.

Vulnerável, a utensilagem em vidro foi virtualmente inexistente entre a panóplia dos equipamentos domésticos das “arraias-miúdas” de sucessivos lustres e, porque matéria-prima sem valor intrínseco digno de nota, terá demorado a conquistar os poderosos. Senão, como explicar que no dote da princesa Beatriz (1522), bem como no inventário do Cardeal D. Henrique (1558), nenhum objecto de vidro tenha sido citado?

As referências a vidros de Veneza corroboram a ideia segundo a qual só quando a posse de vidro com o *cachet* da aquisição em centros além-fronteiras de nomeada começou a entrar na construção do prestígio das famílias, os mais bem munidos se interessaram realmente por este tipo de vasos. Ulteriormente, a manufactura de Coima e as que se lhe seguiram haviam de democratizar o uso de recipientes de vidro, mas continua ignorada, em termos de localização de fornos, a origem da esmagadora maioria do vidro de fabrico nacional consumido durante as Idades Média e Moderna portuguesas.

Relativamente à variedade formal, funcional e decorativa da vidraria portuguesa, o espólio vidreiro da Casa Gouveia fornece alguns dados a tomar, doravante, em linha de conta quando se trate da análise de material homólogo.

Vidros medievais (N.ºs 1 – 3)

Dos três únicos espécimes atribuíveis, com segurança, à Idade Média, o primeiro é o pé oco de um copo que, por análogo aos que provieram da França meridional, datará do séc. XIII⁴¹ (Fig. 3/1). É um facto que peças análogas sobrevieram em contextos dos finais do séc. XVI e do séc. XVII, mas tal ocorreu em áreas geográficas cuja tradição estilística do vidro é substancialmente diversa da meridional⁴².

Os segundo e terceiro espécimes medievais são o fundo cónico nº 2 e o fragmento de parede nº 3, ambos portadores da decoração moldada em favos que foi corrente em Espanha e no Sul de França nos sécs. XIII e XIV⁴³ e cujo aparecimento, por estas datas, na Europa meridional, resulta dos contactos com o mundo muçulmano⁴⁴. A natureza dos fragmentos sugere um frasco ou pequena garrafa (Fig. 3/2, Cat. N.ºs 2 & 3).

CATÁLOGO

Nº 1 – Pé oco de copo de pé. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. EVR.GOU.1434.

Nº 2 – Frasco. Fundo cónico. Corpo globular ornado por um padrão de favos. Soprado em molde. Vidro transparente incolor, ligeiramente tingido de amarelo, irisado. ø 42 mm EVR.GOU.1744.

Nº 3 – Fragmento da parede globular do frasco nº2. Mesmo motivo decorativo. Vidro com as mesmas características. Mesma proveniência. EVR.GOU.1744. (não desenhado)

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 89. Este artigo foi concluído em Abril de 1998. Desde que este estudo ficou concluído, Jorge Custódio publicou uma importante obra, editada pelo IPPAR, que é a síntese do estado, no início do século XXI, da história do vidro em Portugal. Neste trabalho se pode ler mais acerca de recurso a fontes escritas da época pré-manufatureira. Nós mesmo publicámos outros estudos em que figuram transcrições de fontes de época. Os abundantes espólios vítreos do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra e do Mosteiro de S. João de Tarouca, deverão ser exaustivamente estudados e retiradas desses estudos as devidas ilações. De facto, o trabalho em equipa pluridisciplinar, que data já de há alguns anos, com a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, onde são, por sistema, bem acolhidos pedidos de análise laboratorial de vidros, constitui um ponto de viragem decisivo para os estudos de espólios vítreos em Portugal.

⁴¹ Foy, 1985, p. 25-26, fig. 9.

⁴² Referimo-nos ao material de Rouen publicado por Barrera, 1990, p. 117 e 123, fig. 7/71-75.

⁴³ Navarro Palazón *et al.*, 1991, p. 72-74 e p. 259/381; D'Archimbaud, 1980, p. 465, fig.1; p. 470, fig.6; p. 467, fig. 1A e 1B; Foy, 1975, p. 118-20, fig. 5/2; Foy, 1985, p. 53, fig. 41.

⁴⁴ Lamm, 1928, pp. 43-44; Pinder-Wilson e Scanlon, 1987, p. 63-64, fig.8; Skik, 1971-72, p. 90, nº14 e p. 93, fig. 71.

VIDRO COMUM DOMÉSTICO DO RENASCIMENTO E DO BARROCO

Estão ausentes deste conjunto, como dos espólios vítreos coevos provenientes de Sintra, Coimbra, Coima, Pombal e Lisboa, alguns dos vasos definidores do carácter da vidraria de finais do séc. XVI e do séc. XVII, a saber, os pés moldados em forma de balaústres ocas decorados com mascarões leoninos, bem como os pés serpentiformes e os vasos paramentados de fios de vidro trabalhado à pinça e aplicados a quente, designadamente azuis – com excepção das braceletes – e, ainda, o vidro filigranado, todos eles muito correntes na vidraria de tradição veneziana dos sécs. XVI e XVII.

O advento da moda barroca está presente em modestos exemplares de vidro gravado e raras formas poligonais, de resto ignoradas pela iconografia, enquanto se verifica a longevidade, nos sécs. XVII e XVIII, de alguns utensílios de uso médico.

Copos e taças do século XVI (n.ºs 4 – 15)

O primeiro tipo é o dos copos troncocónicos sem pé. Pertence a este tipo o n.º 4, uma base rodeada por um cordão plissado do tipo dos que, desenvolvendo um protótipo bizantino grego⁴⁵, rematam as bases dos copos cilíndricos ou campaniformes do séc. XIV na Europa meridional⁴⁶ e se encontram, no Renascimento e no Barroco, por toda a Europa a Norte dos Alpes⁴⁷ (Fig. 4/4).

O exemplar de Évora terá sido idêntico a um copo francês, da região de Metz, datado do séc. XVI⁴⁸, e é provavelmente o primeiro a vir a lume em Portugal. É no tipo de trabalho à pinça, de incisões mais miúdas praticadas numa banda menos ondulante no contacto da peça com a superfície de apoio, que os cordões plissados da Idade Moderna divergem dos medievais, quando não são totalmente lisos (Fig. 4/16-17).

As copas ornadas por motivos, soprados em molde, que ostentam os n.ºs 5 e 6 da Fig. 4, são características de copos sobre o cilíndrico. Do mesmo tipo de vasos ocorreram, em contextos do séc. XVII do Convento de Cristo de Tomar, fragmentos similares aos copos destinados ao consumo de cerveja do Noroeste europeu⁴⁹ (Fig. 4/18).

O n.º 7 é um cabochão classicizante que ostenta uma efígie coroada de louros, quiçá à partida pintada a ouro (Fig. 4/7 e reconstituição com integração). Tais protuberâncias assumiam, a maior parte das vezes, a forma de amoras⁵⁰ ou de cabeças de leão, como é o caso dos que ornaram os copos venezianos anteriores a 1577 de Grez-Doiceau (Bélgica)⁵¹ (Fig. 4/17), mas são conhecidos outros exemplos de efígies coroadas de louros, quer pintada⁵², quer sob a forma de selo de vidro aplicado em relevo⁵³, respectivamente dos finais do séc. XV ou dos inícios do séc. XVI, e do séc. XVIII, utilizando uma gravura de entre 1520 e 1583. Tal solução decorativa resulta nitidamente da transposição para o vidro dos medalhões com efígies do Renascimento. Tratar-se-á, o cabochão de Évora, de uma peça de fabrico veneziano ou de produção nacional, *façon de Venise*?

Podem ver-se, no painel de azulejos do séc. XVII, da Capela Real de Vendas Novas (Évora), que representa a doença e a morte de S. João de Deus, dois copos e duas garrafas (Fig. 5).

A que se encontra sobre a mesa, a mais nitidamente perceptível, interessa na medida em que, tratando-se de uma garrafa globular sobre pé anelar, ilustra o modelo usual das garrafas do séc. XVI.

⁴⁵ Davidson, 1940, p. 299, fig. 15/1.

⁴⁶ Falsone, 1976, p. 122, fig. 30; Foy, 1985, p. 36, fig. 18.

⁴⁷ Charleston, 1972, p. 144 e 150, fig. 67/111-112.

⁴⁸ Cabart, 1990, fig. 4/ 52.

⁴⁹ Ferreira, 1994, p. 120-123, fig. 28-29; Charleston, 1972, p. 138-39, fig. 61/ 24-25.

⁵⁰ O único exemplar arqueológico de que temos conhecimento proveio das escavações, em Coima, da Real Fábrica. A observação deste material foi possível por deferência do Dr. Jorge Custódio.

⁵¹ Thiry e De Waele, 1986, fig. 3.

⁵² Klesse e Mayer, 1987, Catálogo, n.º9.

⁵³ Brunella e Cabart, 1990, p. 242, fig. 1/8.

Apesar da circunspeção com que deve ser considerada tal fonte iconográfica, o facto é que os copos que figuram ao lado desta garrafa são vasos sobre o cilíndrico, um, e troncocónico, outro, ambos repousando sobre pé anelar liso (Fig. 5).

O segundo tipo é o dos copos troncocónicos com pé igualmente troncocónico ou, se assim se quiser, bitroncocónicos.

Outro vaso, que restituímos na Fig. 4/9, apresenta flagrante similitude com um copo alsaciano⁵⁴. Ao mesmo tipo pertence o nº 8, que se não ilustra por se apresentar ainda mais fragmentário e não ser decorado. O mesmo tipo está documentado, da França provençal⁵⁵ e ocidental⁵⁶ a Inglaterra⁵⁷, por exemplares cuja cronologia vai do extremo fim do séc. XV ao séc. XVI.

Os cálices, designação que preferimos para denominar os vasos de beber cujas bases discóides são separadas das copas por estrangulamentos acentuados, pontuados, ou não, por botões, mas sem que exista propriamente um pé, constituem um terceiro tipo (Fig. 4/10-12). Finalmente, terão pertencido, a copos de pé, as bases discóides representados na Fig. 4/13-14.

Os paralelos prováveis para o único exemplar de taça, de copa baixa e paredes esvasadas, que nos é dado pensar poder identificar (Fig. 4/15), todos fragmentários e datados dos fins do séc. XV até ao séc. XVII, provêm de Itália⁵⁸ e de França.⁵⁶

CATÁLOGO

Nº 4 – Copo. Cilíndrico. Cordão plissado aplicado em redor da base. Sopragem livre. Vidro transparente, amarelo acinzentado (Methuen 3 B5), irisado. Ø 58 mm EVR.GOU.1456.

Nº 5 – *Idem*. Bordo sublinhado por uma canelura. Paredes ligeiramente arqueadas. Soprado em molde. Decorado por caneluras verticais. Vidro transparente, verde pálido (Methuen 26 A3). Ø 58 mm EVR.GOU.ÁREA 1414. CORTE 20.

Nº 6 – *Idem*. Bordo em forma de cabeça de fósforo. Paredes ligeiramente arqueadas. Sopragem em molde. Decorado pelo padrão de “bago de arroz”. Vidro transparente, verde acinzentado (Methuen 27 B4). Ø 66 mm EVR.GOU.1419.CORTE 20.

Nº 7 – Cabochão com efígie coroada de louros, de perfil. Moldado. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 90 mm EVR.GOU.ÁREA 1406.

Nº 8 – Copo. Bitroncocónico. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. EVR.GOU.ÁREA 467. (não desenhado)

Nº 9 – *Idem*. Bitroncocónico. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø 86 mm EVR.GOU.ÁREA 1406.

Nº10 – Cálice. Base cónica, de rebordo tubular inferior. Sopragem livre. Vidro transparente, verde acinzentado (Methuen 30 B2), contendo bolhas de ar. Ø 71 mm EVR.GOU.ÁREA 1408.ZONA 20.

Nº11 – *Idem*. Botão ligando a base à copa. Sopragem livre. Vidro transparente incolor muito irisado e alterado. EVR.GOU.ÁREA 1409.

Nº12 – *Idem*. Botão ligando a base à copa. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. EVR.GOU.1032.ZONA 18.

Nº13 – *Idem*. Base discóide achatada de rebordo tubular inferior. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, ligeiramente tingido de amarelo, irisado. Ø 72 mm EVR.GOU.ÁREA 1017. ZONA 18.

Nº14 – *Idem*. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 92 mm EVR.GOU.ÁREA 589.CORTE 15.

Nº15 – Taça. Base cónica de rebordo tubular inferior. Paredes esvasadas. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø 54 mm EVR.GOU.1374.

⁵⁴ Foy, 1985, p. 63, fig. 59.

⁵⁵ Barrera, 1990, pp. 117 e 120, fig. 4/28-35.

⁵⁶ Charleston, 1972, p. 144, fig. 66/102.

⁵⁷ Lamarque, 1973, p. 120, fig. 22/13.

⁵⁸ Barrera, 1990, p. 117, fig. 6/61; Goetz, 1990, p. 196, fig. 12/186-89.

Copos, garrafas e outros recipientes para líquidos dos sécs. XVII e XVIII (n.ºs 16 – 35)

Os “copos de caliz”, ou “calix”, citados no teatro de cordel, designadamente para o serviço de vinho⁵⁹, quer dizer, os copos de pé, são os vasos para beber mais frequentemente representados na parca iconografia portuguesa de costumes da época barroca⁶⁰. Do aspecto dos mesmos testemunha também o, tardio embora, *Catálogo da Real Manufactura de Vidros da Marinha Grande*⁶¹. É todavia certo que o século XVIII foi o que viu florescer os copos maciços, despreziosos, que a listagem dos produtos do referido *Catálogo* define como “copos lizos ou moldados de aguardente (...) de quartilho para limonadas e Tavernas”⁶² (Fig. 6/23 & 24).

Os n.ºs 16 a 18, ainda que a sua factura artesanal seja denunciada pela irregular qualidade do vidro e por aspectos técnicos como os fundos cônicos com marca de pontel, e a diminuta espessura e irregularidade das paredes, afiguram-se exemplos seiscentistas desta variedade de copos, à qual pertencerão ainda os n.ºs 19 a 21 (Fig. 6).

Para além dos paralelos estrangeiros⁶³, há a referir os vários fundos deste tipo descobertos durante os trabalhos arqueológicos realizados na Alcáçova de Coimbra⁶⁴. O espécime referenciado por Pettenati et al. é de cor “púrpura” (sic), mas desprovido de decoração. No caso do copo nº 22 de Évora, correm fios brancos opacos, aplicados em relevo, em torno da parede daquela mesma tonalidade, isto é vinoso ou manganês (Fig. 6/22 & Fig. 7/1).

O copo nº 23 é tecnologicamente diverso destes: feito em vidro mais espesso, mais maciço, deve atribuir-se já ao séc. XVIII, à semelhança dos exemplares de Oudenaarde⁶⁵, de Portsmouth⁶⁶ e de Rouen⁶⁷ (Fig. 6/24).

A iconografia azulejar é rica em representações de vidro de mesa. De vários painéis levantámos os modelos observáveis na Fig. 9.

As garrafas n.ºs 24 e 25 (Fig. 7/2) são exemplares notáveis pela secção em cruz grega. Há, ainda, notícia de duas garrafas iguais, e intactas, embora desprovidas de contexto arqueológico: aquela que transitou do Convento do Espinheiro para o Museu Municipal de Évora e a que foi recentemente adquirida, a um antiquário de Borba, pelo colecionador de Lisboa a quem se fica a dever esta referência⁶⁸.

A matéria-prima é “vidro de floresta”, seguindo pois, ainda, a tradição das oficinas medievais. Do ponto de vista tecnológico, há a notar que o bocal de cada uma destas garrafas foi soldado ao corpo soprado em molde, tendo um e o outro sido, por conseguinte, realizados em separado.

Observam-se garrafas assim conformadas na tela *A Morte do Diácono*, de Velásquez (1645-48)⁶⁹ e em *A Família do Artista*, de Jan Steen († 1679)⁷⁰, iconografia que releva o zelo em respeitar, de forma prosaica embora, e todavia até aos mais mezinhos objectos utilitários, o ambiente barroco retratado.

Com efeito, é óbvia a filiação estética de uma forma em que se alternam panos côncavos e panos convexos que ora recolhem a luz para a difundirem logo a seguir, não deixando imobilizar-se o olhar do observador.

⁵⁹ A título de exemplo, veja-se Santa Rita, 1768, p. 18 – “Scena Sexta / Coralina pela ultima da esquerda, a qual/ se vay, e depois torna a sahir com huma/ garrafa, e dous côpos de caliz./ Cor. – Senhora? / Ros.-Traze huma garrafa de vinho de/ Canárias, e dous copos.”

⁶⁰ Em painéis azulejares que representam cenas de refeição, como os de Palácio do Correio-Mor, em Loures (Arquivo de Arte Gulbenkian) e os da Quinta do Portão de Ferro, em Camarate (Smith, 1968, fig. 187), os convivas utilizam cálices de base discóide unida à copa por um botão.

⁶¹ Barros, 1969, Cat. I, est. X e Cat. II, est. XLVI.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 174.

⁶³ Pettenati et al., 1987, p. 414, fig. 4; Degré, 1995, p. 148, fig. 100/30; De Groote e Lemay, 1993, p. 412, fig. 13/11 e fig. 14.

⁶⁴ Ferreira, 1993, p. 421, fig. 1/3. Uma vez mais, os paralelos arqueológicos nacionais são, em 2008, bem mais numerosos. Cf. Fernandes, Lúcia e Ferreira, Manuela 2004, «Intervenção arqueológica num dos quarteirões da Baixa Pombalina de Lisboa. Estudo do espólio vítreo», *O Arqueólogo Português*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 453-489.

⁶⁵ De Groote e Lemay, 1993, p. 413, fig. 13/13-14 e 14.

⁶⁶ Fox e Barton, 1986, p. 225, fig. 140/2-8.

⁶⁷ Barrera, 1990, p. 118, fig. 9/105.

⁶⁸ Lopes, 1995, p. 14 -15.

⁶⁹ Paris, Museu do Louvre.

⁷⁰ Haia, Maritshuis.

Bem mais comum, e igualmente conforme ao gosto do séc. XVIII, é a garrafa, em forma de prisma quadrangular, a qual não é senão uma da variedade de formas poligonais na moda à época. Aquém-fronteiras, foram os níveis do terramoto de 1755 das estações de Lisboa que proporcionaram os exemplos mais diversificados desta tendência⁷¹ que os frascos n.ºs 26-27 (Fig. 6) de Évora igualmente ilustram e a sociedade portuguesa partilhou com outros povos⁷². Observam-se, na gravura *Teniers e a Família*, buril do mesmo artista⁷³, duas garrafas de secção quadrangular e bocal estreito. Como as línguas e as instituições, os países europeus exportaram as artes para as suas respectivas colónias, e é assim que o espanhol Antonio Pérez de Aguilar, activo no México entre 1749-69, debuxou em 1769 um frasco do tipo do de Évora em *O armário de parede do pintor*⁷⁴.

Ocorre-nos que o n.º 28 possa ter sido um “viveiro para peixe”, de acordo com a menção que, no Catálogo da Real Manufatura de Vidros da Marinha Grande, explicita a função de um balão do mesmo género⁷⁵ (Fig. 6).

Considerados à luz da garrafaria até à data exumada de contextos portugueses datados, e já estudada⁷⁶, os bocais n.ºs 29 a 34 — e o fundo cónico n.º 35 (Fig. 8), que fez parte de uma garrafa do mesmo tipo — apresentam os bordos diversamente barbelados que foram sendo de uso ao longo do séc. XVIII. Para além da evidência estratigráfica, foi levada em consideração a evolução das formas da garrafaria anglo-saxónica, incluindo a garrafaria inglesa colonial⁷⁷.

O n.º 34 (Fig. 9) é, por certo, o exemplar mais antigo ou, pelo menos, aquele que corresponde ao design anterior ao dos tempos em que a garrafa cilíndrica passou a dominar de forma decisiva, monopolizando, no que toca à conservação do vinho, a produção: o seu bojo deve ter sido globular baixo, algo atarracado, respondendo à tradição seiscentista das formas largamente adoptadas na iconografia das cenas de repasto em painéis de azulejos.

Seguem-se os n.ºs 29 e 30 (Fig. 8), de aberturas anormalmente largas se comparadas com o que se tornou posteriormente de regra, e munidos de rudimentares barbelas rectangulares relativamente às quais oferecem evidente vantagem as dos n.ºs 31 a 33. Fora, pois, ultrapassado o tempo dos cordões decorativos, os quais cedem o lugar a atavios de carácter funcional.

Com o avançar das décadas de setecentos, as garrafas para vinho conjugam, quase sistematicamente, bocais mais estreitos, assim barbelados, com colos fortemente dilatados e altas paredes cilíndricas resolvidas em fundos cônicos cujos diâmetros variam entre os 80 e os 100 mm, embora raramente possam atingir os 142 mm.

As marcas de pontel que ostentam estes fundos, por vezes excepcionalmente largas (Fig. 8/35), sugerem apreciável esforço na manipulação quer do artefacto, quer da ferramenta. Na segunda metade do século, os perfis triangulares criam, em conjunto com os bordos, uma dupla ranhura para enrolamento do fio que maximiza a obturação, por meio de uma rolha, de garrafas destinadas a armazenamento em caves, na horizontal, ou a serem transportadas:

“Chigaraõ ind’ágora lá im
baixo quatro canastradas de ca-
ça miuda, co’ alguas seis cargas
de garrafas de vinho...”⁷⁸

⁷¹ Ferreira, 1997, p. 186, est. 1 - 2.

⁷² Ciepiela-Kubalska, 1985, p. 299, fig. 3; Charleston, 1972, p. 144-45, fig. 63/48.

⁷³ Colecção de Gravura da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

⁷⁴ Cidade do México, Pinacoteca Vice-real. Reproduzido, mais tarde, em FERREIRA, M. A. (2005), “O uso de vidraria em Sellium e em Tomar: as descobertas recentes em relação com a História do Vidro”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico, (Vol. 8, N.º1), p. 387-431, p. 392, fig. 3.

⁷⁵ Barros, 1969, Cat. I, est. XXIV.

⁷⁶ Ferreira, 1997, est. 2. Cf. Também nota 73.

⁷⁷ Ashurst, 1970, p. 116-21; Fox e Barton, 1986, p. 223-230; Dixon, 1975, p. 110-11; Hume, 1961, p. 98-105.

⁷⁸ Anónimo, *O Amante Jardineiro*, 1773, p. 17.

A fazer fé nas fontes escritas, e tomando em vista, de relance, a ausência de representações de garrafas em vidro comum, verde e pesado, acima de um determinado patamar social, a garrafa usada à mesa para o serviço das bebidas não seria deste tipo.

Embora a adjectivação escasseie em testamentos e inventários, as “*garrafas de vidro jaspado*” e as “*garrafas de vidro xaspiadas*” que, especifica-se no inventário dos duques de Aveiro, se destinavam a vinho⁷⁹, deveriam estar mais próximas das representadas no painel de azulejos da Quinta dos Chavões (Fig. 9/3), cuja decoração se aparenta com a de algumas das que figuram no *Catálogo da Real Fábrica de Vidros*...⁸⁰

Assim, também não é de excluir que as garrafas de Évora não possam ter contido outras bebidas ou outras substâncias líquidas.

CATÁLOGO

Nº 16 – Copo. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Cilíndrico. Sopragem livre. Vidro fino, transparente incolor, contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. Ø 70 mm Alt. 84 mm EVR.GOU.438.

Nº 17 – *Idem*. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Truncocónico. Vidro fino, transparente incolor, contendo numerosas minúsculas bolhas de ar, apresentando estrias da sopragem. Ø 68 mm Alt. 70 mm EVR.GOU.438.

Nº 18 – *Idem*. Truncocónico. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, leitoso, contendo algumas bolhas de ar. Ø 76 mm EVR.GOU.438.

Nº 19 – *Idem*. Cilíndrico. Sopragem livre. Vidro muito fino, transparente incolor, contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 66 mm EVR.GOU.ÁREA 186.

Nº 20 – *Idem*. Truncocónico. Vidro fino, transparente incolor, ligeiramente irisado, apresentando estrias da sopragem. Ø 76 mm EVR.GOU.ÁREA 186.

Nº 21 – *Idem*. Truncocónico. Sopragem livre. Vidro fino, transparente incolor, ligeiramente irisado. Ø 68 mm EVR.GOU.ÁREA 438.

Nº 22 – *Idem*. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Cilíndrico. Sopragem livre. Vidro muito fino, transparente de cor *bordeaux* ou violeta (Methuen 10 D5). Decorado por cinco fios de vidro branco opaco aplicados em relevo. Ø 74 mm Alt. 72 mm EVR.GOU.438.ZONA 10.

Nº 23 – *Idem*. Fundo raso ostentando marca de pontel. Truncocónico. Sopragem livre. Vidro grosso, transparente incolor, leitoso, contendo minúsculas bolhas de ar, irisado. Ø 48 mm EVR.GOU.438.

Nº 24 – Garrafa. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Bocal em forma de funil. Secção em forma de cruz grega. Sopragem em molde. Vidro muito fino, transparente incolor tingido de amarelo acinzentado (Methuen, 2 B3). Ø 66 mm Alt. c. 27 mm EVR.GOU.438.

Nº 25 – *Idem*. Não é possível determinar dimensões. EVR.GOU.438.

Nº 26 – Frasco. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Bocal esvasado; bordo biselado. Secção quadrangular. Sopragem em molde. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 D6). Ø do bordo – 48 mm Lado do fundo: 102 mm Alt. 272 mm EVR.GOU.438.

Nº 27 – Fragmento de garrafa de secção quadrangular. Não é possível determinar dimensões. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 D6). EVR.GOU.385.

Nº 28 – Balão. Bordo curto vertical. Globular. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 230 mm . EVR.GOU.383.CORTE 10.

Nº 29 – Bocal de garrafa. Bordo cortado horizontalmente sublinhado por um cordão aplicado. Sopragem livre. Vidro transparente verde azeitona (Methuen 2 D5). Ø 32 mm EVR.GOU.438.ZONA 10.

Nº 30 – *Idem*. Bordo arredondado sublinhado por um cordão aplicado. Sopragem livre. Vidro transparente verde azeitona (Methuen 2 D5). Ø 34 mm EVR.GOU.438.ZONA 10.

⁷⁹ Guerra, 1952, p. 115 e 121.

⁸⁰ Barros, 1969, Cat. I, est. XIV-XV e Cat. II, est. XLIII-XLIV.

Nº 31 – *Idem*. Bordo em forma de cabeça de fósforo sublinhado por um cordão aplicado. Sopragem livre. Vidro transparente verde azeitona (Methuen 3 D5). Ø 26 mm EVR.GOU.ÁREA 383.CORTE 10.

Nº 32 – *Idem*. Bordo em forma de cabeça de fósforo sublinhado por um cordão aplicado. Colo convexo. Sopragem livre. Vidro transparente verde-azeitona (Methuen 3 D5). Ø 28 mm EVR.GOU.ÁREA 383.

Nº 33 – *Idem*. Ø 28 mm EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº34 – *Idem*. Bordo em forma de aba horizontal. Colo convexo. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 C4), muito irisado. Ø 42 mm EVR.GOU.ÁREA 652.CORTE 15.

Nº35 – Fundo cónico de garrafa ostentando larga marca de pontel. Cilíndrico. Sopragem livre. Vidro transparente verde azeitona (Methuen 3 D6). Ø 134 mm EVR.GOU.438.

VIDRO GRAVADO (N.ºs 36 – 39)

O copo poligonal gravado à roda a que pertenceram os n.ºs 38 e 39 (Fig. 10) é um exemplar típico do vidro gravado português do séc. XVIII. As formas poligonais rectas ou quebradas mereceram largo favor no período barroco e inspiraram, em primeira instância, os arquitectos, tendo também penetrado muitos dos ramos das Artes Decorativas. No vidro, mediante o emprego de moldes, era fácil criar as dinâmicas superfícies quebradas compatíveis com os princípios estéticos da época.

A restituição e planificação da composição que ornou as oito faces da copa do espécime em observação (Fig. 10/1) proporcionam o estabelecimento de paralelismos entre as soluções decorativas aqui em questão com as de outros vidros gravados nacionais, arqueológicos ou não.

A linha ondulante em torno do bordo é quase uma constante, quer em material da Casa dos Bicos ou da Baixa de Lisboa (Fig. 10/2), quer em peças das colecções do Museu Nacional de Arte Antiga⁸¹ e do Museu Nacional Soares dos Reis⁸². Sob essa linha, uns e outros têm em comum o arranjo dos motivos segundo o princípio da repetição linear alternada, em registos verticais. Este esquema ornamental encontra-se igualmente documentado no *Catálogo da Real Fábrica...*⁸³

O nº 37 (Fig. 10) corresponde, basicamente, à mesma matriz dos n.ºs 38-39.

CATÁLOGO

Nº 36 – Fragmento de parede ostentando duas linhas paralelas gravadas à roda. Vidro transparente incolor. EVR.GOU.282.

Nº 37 – Copa poligonal de copo de pé (?). Paredes arqueadas. Soprado em molde. Decorado, abaixo do bordo, por um cordão ondulante sublinhado por uma linha recta gravados à roda. Vidro transparente incolor, contendo algumas bolhas de ar. Ø 60 mm EVR.GOU.ÁREA 438.

N.ºs38-39 – Copa octogonal de copo de pé. Paredes arqueadas. Soprado em molde. Decorado, por gravura à roda, por linhas serpentiformes alternadas com um motivo floral, em registos verticais limitados superiormente por uma linha recta acima da qual corre um cordão ondulante. Vidro transparente incolor. Ø 54 mm EVR.GOU. ÁREA 438.

VIDROS DE USO MÉDICO E FARMACOLÓGICO (N.ºs 40 – 51)

Não escasseiam as fontes, quer escritas, quer iconográficas, que se reportam à forma pela qual, até ao advento da Medicina moderna, eram dispensados cuidados de saúde aos enfermos. A multiplicação de tais fontes poderá ser justificada pela angústia dos homens que, cônscios dos poucos recursos de

⁸¹ *Idem*, 1979, p. 224, fig. 160.

⁸² Agradecemos à Doutora Paula Carneiro as facilidades concedidas e as fotos cedidas.

⁸³ Barros, 1969, Cat. I, est. VII e XXI.

que dispunham para combater eficazmente o Mal de que podia ser pasto esse mistério que era o corpo, o evocavam quicá por vezes mais instintivamente do que de modo deliberado.

Os urinóis e a frascaria destinada a conter mezinhas, purgas, drogas e outros medicamentos são os recipientes deste espólio, relacionados com o diagnóstico e a cura de enfermidades, que examinaremos de seguida.

Urinóis de diagnóstico (n^{os} 40 - 44)

Num dos textos dramáticos de António José da Silva, representado no Teatro do Bairro Alto em 1737, um doente acamado é visitado por um impostor – de seu nome Semicúpio – que se faz passar por médico:

“Câmera – Haverá uma cama e nela estará D. Tibúrcio deitado...

(...)

Semicúpio – Pergunto se o doente fez a mija!

D. Tibúrcio – Nesta casa não há ourinol.

Semicúpio – Pois tome-as [as águas], ainda que seja numa frigideira, em todo o caso, *quia per orinis optime cognoscitur morbus*.

D. Lancerote – Ah, Senhores! Grande médico!”⁸⁴

E “médico de ourinas” é a expressão empregue, num diálogo entre um paciente e um cirurgião, numa outra peça d’*O Judeu*⁸⁵.

Omitido embora por Rafael Bluteau no seu Vocabulario Portuguez e Latino..., este instrumento de uroscopia foi uma peça fundamental no diagnóstico médico, por toda a Europa, desde a Idade Média (Fig. 11) e, enquanto tal, emblemático das funções dos “físicos”⁸⁶.

Os croquis dos urinóis do *Catálogo da Real Fábrica...* (Fig. 12/1) serão as figurações de urinóis post-medievais mais fidedignas de que dispomos, mas a configuração dos que os trabalhos arqueológicos de campo têm trazido a luz difere substancialmente dos dois tipos fabricados, ou a fabricar, na Marinha Grande⁸⁷. Todos eles são feitos em vidro transparente fino, seja perfeitamente incolor seja tingido de verde, como é o caso dos espécimes de Évora. (Fig. 13/40-42) A forma é, basicamente, a de um balão com um colo alto resolvido em aba horizontal e base convexa (Fig. 13/43-44), forma que foi adoptada pelo designer de uma embalagem para medicamentos, em papel, de uma farmácia de Madrid: reminiscência, em 1996, da urologia intuitiva. (Fig. 12/2)

Frascos (n^{os} 45 – 47)

Os inventários de 1771 e de 1792 da Botica do Convento de Maфра referem, respectivamente, “51 vidros pequeninos”⁸⁸ e “24 vidros de rolha pequena”⁸⁹. Tais “vidros” serão, segundo o próprio *Inventário* de 1771, os frascos em que se guardavam “as drogas e os simples”, bem como os medicamentos preparados pelo boticário: “*Nos vidros e vasos da dita Botica se acham águas destiladas, unguentos, e outros remédios em pequena quantidade...*”⁹⁰.

⁸⁴ Silva, 1737, Parte II, Cena V.

⁸⁵ *Idem*, 1733, Parte II, Cena V.

⁸⁶ Na opinião de Barrera (1993, p. 373), o urinol já é raro no séc. XVII e a sua representação iconográfica é mais consequência da carga simbólica do que da sua real importância na vida quotidiana. Em Portugal, todavia, ele tem surgido em estações arqueológicas ricas em espólios cerâmico e vítreo do séc. XVII (Alcáçova de Coimbra, Quinta da Anunciada Velha (Tomar), Rua de S. Lourenço (Lisboa).

⁸⁷ Barros, 1969, Cat. I, est. XIX.

⁸⁸ Carvalho, 1992, p. 33.

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 35.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, 1992, p. 34.

E se nestes dois inventários não foram listadas nem as matérias-primas, nem as mezinhas com elas fabricadas, já o de 1833 – no qual se voltam a mencionar vasos “... e vidro com tampas do mesmo...”⁹¹ – é fértil na enumeração de substâncias vegetais, óleos essenciais, águas destiladas, sais, xaropes, espíritos, tinturas e bálsamos⁹². De igual modo a Botica jesuítica do Colégio de Santo Antão possuía, na 1ª metade do séc. XVIII, “... 268 recipientes de vidro com medicamentos”⁹³.

Os frascos de Évora terão sido aqueles em que as preparações com propriedades curativas foram trazidas da botica por particulares. O teatro de cordel faz eco da utilização de frascos como contentores dos produtos adquiridos nas boticas para posterior consumo domiciliário:

“Livieta (filha) – Meu Pai, meu Pai, segure-me, que caio.

Ramigio Fafes – Dirandina, Dirandina, ajuda-me a sustella, que tornou a maldita convulsão... (...)... segura tu aqui enquanto eu vou lá ao meu quarto buscar hum espirito, para ela cheirar...

Livieta (filha) – Foi-se? Bem, confesso-te, que já me dohião as costas de estar derriada na cadeira.
(...)

D i r a n d i n a – Mas torne à mesma, que o velho é chegado, e como vem afflicto com o vidrinho do tal espirito.

(...)

Ramigio Fafes – ... olha, Levietazinha cheira tu este frasquinho de espirito...”⁹⁴

Abstraindo o carácter jocoso deste texto, encontra-se nele a acepção, consignada por Bluteau⁹⁵, de “vidro” enquanto “frasco” e “frasquinho”, mas o certo é que a iconografia não concorre para o estabelecimento do facies da frascaria dos sécs. XVII e XVIII.

Mais elucidativa será a comparação das *phials* exumadas no Reino Unido (Fig. 14/1-4) — os autores ingleses conservam a designação de etimologia grega para nomear os frascos de botica — com os n.ºs 45- 46, que restituímos, respectivamente, na Fig. 13/45 & 14/45 e na Fig. 14/46; o n.º 47 (Fig. 14), por seu lado, é do tipo de um *flacon-aignon* proveniente de um contexto do séc. XVII-XVIII do Convento de Gent (Bélgica), onde apareceu relacionado com a enfermaria e práticas médicas⁹⁶.

No caso da forma dos primeiros, Thompson *et al.* fizeram notar que a altura da frascaria tende a aumentar no decurso do séc. XVIII⁹⁷. E, embora Ashurst haja posto em causa o valor dos frascos de farmácia para efeitos de datação, dado a forma dos mesmos pouco ter evoluído ao longo dos tempos, indica um *terminus ante quem* fixado em 1795 para os mais tardios – aqueles que foram feitos em vidro incolor – que publica⁹⁸.

VARIA (n.ºs 48 – 51)

Como os frascos precedentemente tratados, os fragmentos n.ºs 49-50 (Fig. 13) são de vidro incolor. Parece tratar-se de fragmentos de um só recipiente, mas não é líquido afirmar que tenham pertencido a um frasco. Poderão, alternativamente, ser tidos por fragmentos de um canudo para varetas, pois o recipiente afecta a forma que este tipo de vidro laboratorial conservou quase até aos nossos dias (Fig. 13/49-50).

Poderia o n.º 51 (Fig. 13) ter sido um fragmento de um utensílio de destilação, a despeito da cor azul da matéria? Funil ou bico de mamadeira? É certo que a Botica de S. Vicente de Fora possuía boiões, do séc. XVIII ou do séc. XIX, igualmente em vidro transparente azul profundo⁹⁹.

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 36.

⁹² *Idem, ibidem*, p. 36-41.

⁹³ Basso e Neto, 1994, p. 21.

⁹⁴ Anónimo, *Nova e Graciosa Peça intitulada “As gírias das moças para casarem”*, s.d., p. 8-9.

⁹⁵ Bluteau, 1728, *Suplemento*, Vol. II. P. 482.

⁹⁶ Degré, 1995, p. 143, fig. 91/ 19.

⁹⁷ Thompson *et al.*, 1984, p. 86.

⁹⁸ Ashurst, 1970, p. 117, fig. 34/ 4-15.

⁹⁹ Basso e Neto, 1994, p. 53, fig. 69.

CATÁLOGO

Nº 40 – Urinol. Bordo em forma de aba descaída. Colo alto troncocónico. Sopragem livre. Vidro transparente acinzentado (Methuen 27 C4), muito fino. Ø 95 mm EVR.GOU.385.

Nº 41 – *Idem*. Bordo em forma de aba soerguida. Sopragem livre. Vidro transparente verde-claro acinzentado (Methuen 26 B4), muito fino, contendo bolhas de ar. Ø 124 mm EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº 42 – *Idem*. Vidro transparente incolor, fino e muito irisado. Ø 98 mm EVR.GOU.ÁREA 1374.

Nº 43 – Fundo de urinol em forma de calote esférica ostentando marca de pontel. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C4), contendo minúsculas bolhas de ar. EVR.GOU.385.

Nº 44 – *Idem*. Sopragem livre. Vidro transparente incolor irisado, contendo minúsculas bolhas de ar. EVR.GOU.ÁREA. 1017.ZONA 18.

Nº 45 – Frasco. Cilíndrico alto. Bordo esvasado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor ligeiramente tingido de amarelo, contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. Ø 20 mm Alt. c. 100 mm. EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº 46 – *Idem*. Bordo em aba oblíqua. Cilíndrico. Fundo ligeiramente reentrante ostentando marca de pontel. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 28 mm Alt. c. 85 mm EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº 47 – *Idem*. Corpo em forma de cebola. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 C4). Ø 30 mm EVR.GOU.ÁREA 1118.ZONA 18.

Nº 48 – Colo cilíndrico de frasco (?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor muito ligeiramente tingido de amarelo, com numerosas bolhas de ar. Ø 22 mm EVR.GOU. 1744. Não desenhado.

N.ºs 49-50 – Frasco (?). Colo alto. Pequeno ombro. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 33 mm EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº 51 – Fragmento de tubo pertencente a utensílio indeterminado (Funil? Bico de mamadeira (?). Vidro muito fino, transparente azul profundo (Methuen 20 D8), irisado. Ø médio 12 mm EVR.GOU.383.CORTE 10.

VIDRO DOS SÉCULOS XIX E XX (N.ºs 52 - 65)

Em primeiro lugar, a qualidade da matéria indicia o fabrico industrial destes vasos. Outras considerações suscitam, porém, técnicas de fabrico e soluções decorativas neles patententes.

Vidro soprado (N.ºs 52 - 61)

A representação de um copo do modelo dos n.ºs 55 a 57 figura na tela, de finais do século XIX, publicada por Alberto Souza, *O Botequim da Ginginha das Portas de Santo Antão*. Sentado à mesa sobre a qual tal copo foi debuxado, um “lisboeta do passado” — para usar a expressão de Souza — segura na mão a nota de banco de 1000 réis¹⁰⁰ que circulou entre 22 de Julho de 1891 e 4 de Maio de 1896¹⁰¹. Na impossibilidade de reproduzir esta tela, apresenta-se uma litografia em que o copo, pelo qual a ginginha é bebida, é idêntico (Fig. 15/1).

Também do extremo final de oitocentos se nos afiguram os n.ºs 63 e 64 (Fig. 16), representantes da voga em que, por essa época, esteve o vidro opaco. O primeiro pertence à categoria de vidros que se pretendeu imitarem as pedras semipreciosas e o segundo, que surgiu associado aos copos n.ºs 52-53 e 55-56 e à taça nº 60, é do tipo conhecido em italiano por *lattimo* e em francês por *verre blanc de lait*, que aqui designaremos por porcelana de vidro (Fig. 16).

Um pequeno cálice, de copa em gomos relevados, foi soprado em molde. (Fig. 16/58).

¹⁰⁰ Souza, s.d., p. 72, fig. 1894.

¹⁰¹ *O papel-moeda em Portugal*, 1985, p. 240-41.

Vidro prensado (Nº 59 & 62)

Fabricada em série pelo relativamente económico processo inventado na Inglaterra e nos Estados Unidos pelos finais do 1º quartel do séc. XIX, a caneca nº 59 apresenta decoração prensada que imita, a baixo custo, a decoração lapidada, relativamente grosseira, que planificámos, da produção de escolha (Fig. 15/2).

A tacinha (Fig. 16/62) corresponde à moda do vidro prensado dos finais de novecentos até à década de 30 do séc. XX. A composição externa relevada que a orna pauta-se pelo princípio genérico mais comum constatável no vidro prensado, a repetição linear simples de um motivo. Bastante vulgares são, igualmente, as bandas peroladas de enquadramento ou seccionamento da decoração que encontramos em vidro prensado de muitos países desde c. 1840¹⁰². No vidro soprado, em que se espelham as tendências revivalistas das Artes Decorativas do fim do século passado, surge amiúde o acanto, cuja estilização se pode observar na tacinha em foco.

CATÁLOGO

Nº 52 – Copo. Troncocónico. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 76 mm EVR.GOU.ÁREA 186.

Nº 53 – *Idem*. Vidro transparente incolor ligeiramente irizado. Ø 74 mm. Não desenhado.

Nº 54 – *Idem*. Prismático. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor. Ø 50 mm EVR.GOU.ÁREA 1017.ZONA 18. Não desenhado.

Nº 55 – *Idem*. Cilíndrico. Marca de pontel apagada no fundo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irizado. Ø 76 mm Alt. 95 mm EVR.GOU.186.

Nº 56 – *Idem*. Ø 70 mm EVR.GOU.186.

Nº 57 – *Idem*. Ø 82 mm EVR.GOU.186.

Nº 58 – Cálice. Copa soprada em molde. Vidro transparente incolor, irizado. Ø indeterminável EVR.GOU.ÁREA 1387.

Nº 59 – Caneca. Cilíndrica. Asa de rolo. Sopragem em molde. Decorada por motivos florais e geométricos organizados em registos horizontais. Vidro transparente incolor. Ø 94 mm Alt. c. 110 mm EVR.GOU.ÁREA 438.

Nº 60 – Taça. Paredes esvasadas arqueadas. Bordo engrossado pelo exterior. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irizado. Ø 128 mm EVR.GOU.ÁREA 186.

Nº 61 – *Idem*. Ø 218 mm EVR.GOU.ÁREA 438.

Nº 62 – *Idem*. Paredes rectas esvasadas. Bordo em pequena aba descaída. Pé anelar. Prensagem em molde. Decorada, pelo lado externo, por folhas de acanto estilizadas, que irradiam do centro, e por uma banda perolada ao redor do bordo. Vidro transparente incolor Ø 108 mm Alt. 22 mm EVR.GOU.385. CORTE 10.

Nº 63 – Frasco (?). Globular. Sopragem livre. Vidro opaco marmoreado de cor *beige* com laivos castanhos. Dimensões indetermináveis. EVR.GOU.ÁREA 1013.ZONA 18.

Nº 64 – Vaso indeterminado. Troncocónico. Abertura larga. Sopragem livre. Vidro opaco branco. Dimensões indetermináveis. EVR.GOU.ÁREA 186.

Nº 65 – Fragmentos de vidraça. Vidro plano, transparente incolor, ligeiramente tingido de verde. EVR.GOU.186.

¹⁰² Spillman, 1981, pp. 60, nº 136, 190, nº 733, 326, nº1267 (americanos), 394, nº1525 (francês ou boemiano), 396, nº 1530 (alemão?), nº 397, nº1534 (russo), etc. Além de raro, o vidro prensado exumado de estações arqueológicas nacionais (Tomar, Lisboa) não tem, aparentemente, surgido em contextos coerentes.

BRACELETES (N.ºs 66 – 78)

É costume imputar ao artesanato veneziano dos sécs. XV e XVI a autoria deste género de objectos de adorno em vidro, embora, de facto, não seja de todo líquido datá-los na ausência da sua associação significativa com outros objectos. É flagrante a semelhança, existente entre as braceletes de Évora e as peças homólogas provenientes de sepulturas muçulmanas medio-orientais coevas¹⁰³, as quais, por sua vez, repetem a tradição islâmica medieval neste campo¹⁰⁴. No mínimo, é de admitir que tais objectos de adorno, entre outros da mesma índole, tenham sido produzidos localmente, a par dos vasos utilitários.

Algumas destas braceletes ilustram aspectos essenciais da estética tradicional, ao respeitarem a utilização do vidro negro opaco¹⁰⁵ e o gosto pelo forte contraste criado por aplicações de filamentos branco opaco sobre fundos escuros. (Fig. 17/77-78) Outras são torças¹⁰⁶, mas se exceptuarmos a bracelete n.º 78, todas têm secção circular, factor que avanta o carácter muito comum de peças cuja decoração foi desde sempre, já de si, muito corrente. No caso vertente, distinguir-se-á a peça n.º 69, cujo filamento ornamental azul-turquesa é de uma tonalidade inexistente na vidraria utilitária portuguesa do Renascimento.¹⁰⁷

O espólio do Corte 20, de onde são oriundas seis das vinte braceletes, compreende os copos soprados em molde n.ºs 5 e 6 (Fig. 4), ambos característicos do extremo final do séc. XVI ou do séc. XVII. A concomitância de duas outras, no Corte 16, com fragmentos que tivemos que remeter para os vidros inatribuíveis e indatáveis, não é de molde a facilitar a sua interpretação.

CATÁLOGO

N.º 66 – Bracelete. Torça. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C6). Ø 54 mm EVR. GOU.ÁREA 1406.

N.º 67 – *Idem*. Torça. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 3 B6). Ø 52 mm EVR.GOU.ÁREA 824.CORTE 16.

N.º 68 – *Idem*. Torça. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 3 B6). Ø 84 mm EVR.GOU.ÁREA 1453.CORTE 20.

N.º 69 – *Idem*. Estriada. Vidro transparente azul acinzentado (Methuen 22 D6), muito irizado. Decorada por fios de vidro azul-turquesa claro (Methuen 24 A4) aplicados em espiral e em relevo. Ø 62 mm EVR.GOU.ÁREA 1421.CORTE 20.

N.º 70 – *Idem*. Lisa. Vidro opaco negro. Ø 67 mm EVR.GOU.ÁREA 1397.CORTE 20.

N.º 71 – *Idem*. Ø 60 mm EVR.GOU.ÁREA 824.CORTE 16.

N.º 72 – *Idem*. Ø 56 mm EVR.GOU.ÁREA 1411.

N.º 73 – *Idem*. Ø 50 mm EVR.GOU.ÁREA 1423.ZONA 20.

N.º 74 – *Idem*. Ø 62 mm EVR.GOU.ÁREA 1418.CORTE 20.

N.º 75 – *Idem*. Ø 76 mm EVR.GOU.ÁREA 1421.CORTE 20.

N.º 76 – *Idem*. Torça. Vidro opaco negro. Ø 56 mm EVR.GOU.ÁREA 1418.

N.º 77 – *Idem*. Estriada. Vidro opaco negro. Decorada por um fio de vidro branco opaco aplicado em espiral e em relevo. Ø 56 mm EVR.GOU.ÁREA 1409.

¹⁰³ Brosh, 1993, p. 292, fig. 5.

¹⁰⁴ Spaer, 1992, p. 48-50.

¹⁰⁵ Entre o material vítreo dos níveis dos sécs. XVI-XVII das escavações feitas em 1994 no Convento de Cristo, em Tomar, contam-se braceletes em vidro opaco negro. (TOM.CC.PI.Sala 2.3, 4, 5).

¹⁰⁶ Dos silos da Rua Gil Vicente, em Sintra, que deram abundante material dos sécs. XVI-XVII por nós estudado, provieram três braceletes em vidro negro opaco, uma das quais torça. (GVS 3 e 4/M/83/339,386,1536) (não publicado).

¹⁰⁷ Na data da publicação, esta asserção foi ultrapassada. Durante anos, suscitámos a questão da inexistência, em Portugal, da «decoração azul», a par com a «decoração branca», à semelhança da realidade nos demais países europeus. A primeira encontra-se, presentemente atestada em muitos espólios arqueológicos da Idade Moderna. As escavações da Casa do Infante, no Porto, foram, tanto quanto nos é dado saber, a primeira estação arqueológica de onde saiu vidro com «decoração azul».

Nº 78 – *Idem*. Lisa. Vidro opaco negro. Decorada por dois fios de vidro branco opaco aplicados longitudinalmente em relevo. Ø 70mm EVR.GOU.ÁREA 1422.CORTE 20.

C – VIDROS INATRIBUÍVEIS E INDATÁVEIS

Não pertencendo a qualquer complexo do período romano, nem pela qualidade do vidro, nem por quaisquer características formais ou decorativas poderem ser datados dos séculos correspondentes, estes fragmentos serão de cronologia medieval e moderna (Fig. 19).

Alguns, e ainda assim apenas um certo número deles, não permitem mais do que conjecturas baseadas em proveniências e na associação com espécimes precedentemente examinados de forma concludente.

O bordo nº 2, cujo fundo poderá ter sido o nº 12, o fundo cónico nº 10 e a asa nº 15 surgiram nos mesmos contextos de várias braceletes, e o bocal de frasco nº 6 ocorreu no conjunto de algum material, pouco significativo, associado aos vasos da Fig. 6. Significa tal que pode apontar-se-lhes uma cronologia dos séculos XVI ou XVII?

O fragmento da base do copo de pé nº 4, soprada em molde, é demasiado exígua para permitir qualquer hipótese, e os fundos n.ºs 3, 8, 9 e 11, bem como as asas n.ºs 13-14, são pouco eloquentes.

CATÁLOGO

Nº 1 – Taça. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 128 mm EVR.GOU.385.CORTE 10.

Nº2 – *Idem*. Vidro transparente incolor, muito irisado e coberto de concreções. Ø 84 mm EVR.GOU.ÁREA 1418. CORTE 20.

Nº 3 – *Idem*. Fundo cónico. Pé anelar. Vidro transparente esverdeado (Methuen 28 A2), irisado. Ø 50 mm EVR.GOU.284.

Nº 4 – Fragmento da base de um copo de pé. Soprado em molde. Vidro transparente incolor. EVR.GOU.1013.ZONA 18.

Nº 5 – Bocal (de garrafa ou balão?). Vidro transparente incolor, ligeiramente tingido de verde, contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 72 mm EVR.GOU.438.

Nº 6 – *Idem*. Vidro transparente amarelado (Methuen 3 B4), irisado, contendo bolhas de ar. Ø 36 mm EVR.GOU.ÁREA 1406.

Nº 7 – *Idem*. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 28 A2), irisado. Ø 72 mm EVR.GOU.438.

Nº 8 – Fundo cónico com marca de pontel. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 3 B5), contendo minúsculas bolhas de ar. EVR.GOU.1456.

Nº 9 – *Idem*. Vidro transparente cinzento amarelado (Methuen 3 B2), irisado. Ø 34 mm EVR.GOU.789.CORTE 16.

Nº 10 – *Idem*. Vidro transparente azul (Methuen 21 B8), irisado, contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 46 mm EVR.GOU.1406.

Nº 11 – *Idem*. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 28 A2), irisado. Ø 60 mm EVR.GOU.ÁREA 1396.

Nº 12 – *Idem*. Vidro transparente incolor muito alterado, irisado e coberto de concreções. EVR.GOU.ÁREA 1418.CORTE 20.

Nº 13 – Asa. Vidro transparente incolor. EVR.GOU.ÁREA 438.

Nº 14 – *Idem*. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 B5), irisado. EVR.GOU.ÁREA 445. CORTE 13.

Nº 15 – *Idem*. Vidro transparente azul-cobalto (Methuen 22 B7). EVR.GOU.ÁREA 824.CORTE 16.

Postfácio de Agosto de 2009

Este estudo ficou concluído em Abril de 1998. Os abundantes espólios vítreos do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra e do Mosteiro de S. João de Tarouca, uma vez exaustivamente estudados e retiradas desses estudos as devidas ilações, mediante trabalho em equipa pluridisciplinar, mormente com o recurso à Arqueometria, análise que será estendida à vidraria versada neste estudo pela Doutora Teresa Medici, no âmbito da sua tese de doutoramento, permitirá uma leitura, a mais esclarecedora luz, deste material.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

ANAIS DO MUNICÍPIO DE TOMAR – 1454-1580, (1971), vol. VII, Tomar : Câmara Municipal de Tomar

ANÓNIMO (1773), *O Amante Jardineiro*, Lisboa: Oficina de Francisco Sabino dos Santos

ANÓNIMO (s. d.), *Nova e Graciosa Peça Intitulada “As gírias das moças para cazarem”*, Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves

GUERRA, L. de B. (1952), *Inventário e Sequestro da Casa de Aveiro em 1759*, Lisboa: Arquivo do Tribunal de Contas

SANTA RITA, Fr. J. de (1768), *Comédia intitulada “Mulher sabia, e prudente”*, Lisboa: Oficina de João Baptista Alvares

SILVA, A. J. da (1733), *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, in AMENO, F. L. (1744), *Theatro Comico Portuguez, ou Collecção das Operas Portuguezas, que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa. Offerecidas a muito nobre senhora Pecunia Argentina/por Francisco Luís Ameno*, Lisboa: Na Regia Oficina Sylviana, e da Academia Real

Idem (1737), *Guerras de Alecrim e Mangerona*, in AMENO, F. L. (1744), *Theatro Comico Portuguez, ou Collecção das Operas Portuguezas, que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa. Offerecidas a muito nobre senhora Pecunia Argentina/por Francisco Luís Ameno*, Lisboa: Na Regia Oficina Sylviana, e da Academia Real

Estudos

ALARCÃO, J. et al. (1976), *Fouilles de Conimbriga*, vol. V, *Céramiques diverses et verres*, Paris: Diffusion E. de Boccard

ALARCÃO, J. e ALARCÃO, A. (1976), *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga: Museu Monográfico de Conimbriga

ASHURST, D. (1970), “Excavations at Gawber Glasshouse, near Barnsley, Yorkshire”, *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. IV, Leeds: Maney Publishing, pp. 92-140

BARRERA, J. (1990), “La verrerie médiévale et moderne – Collection Thaurin, Musée des Antiquités de Rouen”, *Revue Archéologique de l’Ouest*, vol. 7, Rennes: Association pour la diffusion des recherches archéologiques dans l’Ouest de la France, pp. 115-129

BARRERA, J. (1993), “La verrerie des fouilles de la cour Napoléon – Deuxième Partie », *Annales du 12^{ème} Congrès de l’Association Internationale pour l’Histoire du Verre*, Amesterdão: Association Internationale pour l’Histoire du Verre, pp. 365-377

BARRELET, J. (1953), *La Verrerie en France de l’époque gallo-romaine à nos jours*, Paris: Larousse

BARROS, C. V da S. (1969), *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande – II Centenário – 1769-1969*, Lisboa: Fábrica-Escola Irmãos Stephens e Instituto Nacional de Investigação Industrial

Idem (1979) – “Vidros” in *Artes Decorativas Portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga – Sécs. XV-XVIII – Catálogo*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 210-234

- BASSO, M. P. & NETO, J. M. (1994), *A Botica de S. Vicente de Fora*, Lisboa: Associação Nacional de Farmácias
- BLUTEAU, R. (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino... oferecido a elrey de Portugal D. João V*, Coimbra: Colégio da Companhia de Jesus
- BROSH, Na'ama (1993), "Kohl bottles from Islamic periods excavated in Israel", *Annales du 12^{ème} Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Amesterdão: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 289-295
- BRUNELLA, P. & CABART, H. (1990), "Metz – Residences Sainte-Croix – Verrerie de la fin du XV^{ème} – début XVI^{ème} siècle", *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est – Verrerie de l'Est de la France - Fabrication et Consommation – Neuvième Supplément*, Dijon. Éditions du C.N.R.S., pp. 241-246
- CABART, H. (1990), "Metz, Espace Serpenoise – Verrerie de l'Est et du Centre-Est", *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est – Verrerie de l'Est de la France - Fabrication et Consommation – Neuvième Supplément*, Dijon: Éditions du C.N.R.S., pp. 223-232
- CADORNEGA, A. de (1983), *Descripçam da muito populosa e sempre leal Villa Viçoza, Corte dos Serenissimos Duques dos Estados de Bragança e Barcellos – Escrito em este Reino de Angola na Era de 1683*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- CARVALHO, A. de (1992), *Obra Mafrense*, Mafra: Câmara Municipal de Mafra
- CHARLESTON, R. J. (1972), "The Vessel Glass from Rosedale and Hutton" in CROSSLEY, D. W. & ABERG, F. A., "Sixteenth-century Glass Making in Yorkshire: Excavations at Furnaces at Hutton and Rosedale, North Riding, 1968-1971", *Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. 6, Leeds: Maney Publishing, pp. 107-159
- CHARLESTON, R. J. (1977-1980), "Glass of the High Medieval Period (12th-15th century)", *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, N^o 8, Liège [?]: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 65-76
- CIEPIELA-KUBALSKA, S. (1985), "Bouteilles du XVIII^{ème} siècle trouvées lors des fouilles à Prague", *Annales du 9^{ème} Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Amsterdão: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 291-305
- CLAIRMONT, Ch. W. (1963), *The Excavations at Dura-Europos – Final Report IV – Part V – The Glass Vessels*, New Haven: Yale University Press
- CROSSLEY, D. W. & ABERG, F. A. (1972), "Sixteenth-Century Glass Making in Yorkshire: Excavations at furnaces at Hutton and Rosedale, North Riding, 1968-1971", *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. VI, Leeds: Maney Publishing, pp. 107-159
- CUNLIFFE, B. (1971), *Excavations at Fishbourne – Vol.II: The Finds*, Londres: Society of Antiquaries
- DAVIDSON, G. (1940), "A Medieval Glass-factory at Corinth", *American Journal of Archaeology*, vol. 44, Princeton: Archaeological Institute of America, pp. 297-327
- DE GROOTE, K. & LEMAY, N. (1993), "De materiele cultuur in de Sint – Salvatorsabdijte Ename – Twee mid-deleeuwse latrines uit de westolengel en een 17 de – eeuwse afvalput uit de priorij (Two medieval latrines in the guesthouse and a 17th century cesspit in the priory)", *Archeologie in Vlaandere*, vol. 3, Bruxelas: Service National de Fouilles, pp. 401-418
- DEGRÉ, S. (1995), *Archéologie à Bruxelles 2 – Brasseries au Quartier Ste. Catherine*, Bruxelas: Ministère de la Région de Bruxelles-Capitale & Musées Royaux d'Art et d'Histoire
- DEMIANS D'ARCHIMBAUD, G. (1980), *Rougiers – Village médiéval de Provence*, Paris: C.N.R.S. (tese de 3^o ciclo, policopiada)
- DIXON, Ph. (1975), "Excavations at Richmond Palace, Surrey", *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. 9, Leeds: Maney Publishing, pp. 103-116
- FALSONE, G. (1976), "Gli scavi allo steri di Palermo", *Atti del Colloquio Internazionale di Archeologia Medievale*, vol. I, Firenze: All'Insegna del Giglio, pp. 110-122

- FERREIRA, M. A. (1993), "Du verre post-médiéval provenant de fouilles à Coimbra (Portugal)", *Annales du 12^{ème} Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Amsterdão: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 421-430
- FERREIRA, M. A. (1994), "Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo", *Mare Liberum*, N° 8, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 117-200
- Idem* (1997), "Seventeenth and Eighteenth Century Glass Drinking Vessels and Bottles from Lisbon – Portugal", *Conimbriga*, vol. 36, Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, pp. 183-190
- FOLLMANN-SCHULZ, A.-B. (1988), *Die römischen Gläser aus Bonn*, Colónia: Rheinland-Verlag
- FOX, R. & BARTON, K. J. (1986), "Excavations at Oyster Street, Portsmouth, Hampshire, 1967-1971", *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. 20, Leeds: Maney Publishing, pp. 31-255
- FOY, D. (1975), "L'artisanat du verre creux en Provence médiévale", *Archéologie Médiévale*, vol. V, Paris: La Découverte, pp. 103-138
- Idem* (1985), "Essai de typologie des verres médiévaux d'après les fouilles provençales et languedociennes", *Journal of Glass Studies*, vol. 27, Corning-New York: The Corning Museum of Glass, pp.18-68
- Idem* (1986), "Verres du XIV^{ème} au XVI^{ème} siècle provenant de la place de la cathédrale à Montauban (Tarn-et-Garonne)", *Archéologie du Midi Médiéval*, vol. 4, Carcassone: Centre d'Archéologie Médiévale du Languedoc, pp. 83-91
- FREMERSDORF, F. (1959), *Römischen Gläser mit Fadenauflege in Köln*, Colónia: Verlag der Löwe-Dr. Hans Reykers
- Idem* (1967), *Römischen Gläser mit Schliff, Bemalung und Goldauflagen aus Köln*, Colónia: Verlag der Löwe-Dr. Hans Reykers
- GIBSON, J. & EVANS, J. (1985), "Shorter contributions and Notes – Some eighteenth-century pharmaceutical vessels from London", *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, N° 19, Leeds: Maney Publishing, pp. 151-157
- GOETHERT-POLASCHEK, K. (1977), *Katalog der römischen Gläser des Rheinischen Landesmuseum*, Trier: Rheinischen Landesmuseum
- GOETZ, B. (1990), "Montbéliard, Cabaret de l'Hôtel de Ville: verrerie du premier quart du XVII^{ème} siècle", *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est – Verrerie de l'Est de la France - Fabrication et Consommation – Neuvième Supplément*, Dijon: Éditions du C.N.R.S., pp. 187-209
- GOODER, E. (1984), "Finds from Temple Balsall – Glass", *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. 18, Leeds: Maney Publishing, pp. 221-246
- HAASE, G. (1990), "Zur Bedeutung der Glashütten Heidelberg im Erzgebirge", *Annales du 11^{ème} Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Amsterdão: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 373-387
- HUME, I. N. (1961), "The Glass Wine Bottle in Colonial Virginia", *Journal of Glass Studies*, vol. 3, Corning-New York: The Corning Museum of Glass, pp. 91-117
- ISINGS, C. (1957), *Roman Glass from Dated Finds*, Groeningen-Djakarta: J. B. Wolters
- KLESSE, B. & MAYR, H. (1987), *European Glass from 1500 – 1800*, Viena: Krey-Mayr & Scheriau
- KREUGER, I. (1984), "Mittelalterliches Glas aus dem Rheinland", *Bonner Jahrbücher*, N° 184, Bona: Kevelaer, pp. 505-560
- LAMARQUE, W. (1973), "The Glassware in Tuscania. 1973: Report on six pits" in WARD-PERKINS-Perkins, J. B., "Tuscania – Report 1973: on six pits", *Papers of the British School at Rome*, vol. 28, Londres: The British School at Rome, pp. 117-133
- LAMM, C. J. (1928), *Das Glass von Samarra*, Berlim: Verlag Dietrich Reimer/Ernst Vohsen
- LOPES, J. C. A. (1995), "Tem a palavra João Cláudio Lopes – Fascinado pelo vidro", *O Antiquário – Jornal de Antiguidades, Velharias e 2ª mão*, N° 2, s. I. [Lisboa?]: s. e., pp. 14-15

- MORIN-JEAN, J. (1913), *La Verrerie en Gaule sous l'Empire Romain*, Paris: Librairie Renouard – Henri Laurens Éditeur
- MOORHOUSE, S. (1972), “Medieval Distilling-Apparatus of Glass and Pottery”, *Medieval Archaeology*, vol. 16, Sheffield: Department of Prehistory & Archaeology/University of Sheffield and Society for Medieval Archaeology, pp. 79-121
- NAVARRO PALAZÓN, J. et al. (1991), *Una casa islámica en Murcia – Estudio de su ajuar (siglo XIII)*, Murcia: Centro de Estudios Arabes y Arqueológicos Ibn Arabi & Ayuntamiento de Murcia
- O PAPEL-MOEDA EM PORTUGAL, Lisboa: Banco de Portugal, 1985
- PETTENATI, S., PANTO, G. & CORTELAZZO, M. (1987), “Verres provenant des fouilles du palais *Madama* à Turin – Matériaux inédits pour l’histoire du verre dans le Piémont”, *Annales du 10^{ème} Congrès de l’Association Internationale pour l’Histoire du Verre*, Amesterdão: Association Internationale pour l’Histoire du Verre, pp. 399-420
- PINDER-WILSON, R. H. & SCANLON, G. T. (1987), “Glass Finds from Fustat: 1972-1980”, *Journal of Glass Studies*, vol. 29, Corning-New York: The Corning Museum of Glass, pp. 60-71
- PIRES, A. T. (1897), “Materiaes para a História da Vida Urbana Portuguesa – A mobília, o vestuário e a sump-tuosidade nos séculos XVI a XVIII”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 16ª Série, vol. 21, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 703-811
- RADEMACHER, F. (1933), *Die deutschen Gläser des Mittelalters*, Berlin: Verlag für Kunstwissenschaft
- RÜTTI, B. (1990-91), *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*, vols. I e II, Augst: Römermuseum
- SCHÜTTE (1976), “Mittelalterliches Glas aus Göttingen», *Zeitschrift für Archäologie des Mittelalters*, vol. 4, Bona: Habelt, pp. 101-117
- SKIK, K. (1971-72), “La collection de verres musulmans de fabrication locale conservés dans les musées de Tunisie”, *Bulletin de l’Association Internationale pour l’Histoire du Verre*, N°6, Amsterdão: Association Internationale pour l’Histoire du Verre, pp. 87-102
- SMITH, R. C. (1968), *The Art of Portugal*, Londres-Frankfurt-am-Main: Weidenfeld & Nicolson
- SOUZA, A. (s. d.), *Alfacinhas – Aos lisboetas do passado e do presente*, Lisboa: F. S.
- SPAER, M. (1992), “The Islamic Glass Bracelets of Palestine: Preliminar Findings”, *Journal of Glass Studies*, vol. 34, Corning–New York: The Corning Museum of Glass, pp. 44-62
- SPELLMAN, J. S. (1981), *American and European Pressed Glass in The Corning Museum of Glass*, Corning-New York: The Corning Museum of Glass
- THIRY, M. & DE WAELE, E. (1986), “Grez-Doiceau, château de la Motte: un ensemble de verres vénitiens du XVIème siècle”, *Activités 84 à 85 du SOS Fouilles*, N° 4, Bruxelles: Service National de Fouilles, pp. 150-160
- THOMPSON, A. et al. (1984), “Excavations at Aldgate, 1974 – The Glass”, *The Journal of the Society for Post-Medieval Archaeology*, vol. 18, Leeds: Maney Publishing, pp. 84-90
- VITRUM – LE VERRE EN BOURGOGNE (1990), Autun: Musée Rolin & Dijon: Musée Archéologique

ON-LINE

3.bp.blogspot.com/.../s400/ginginha.jpg

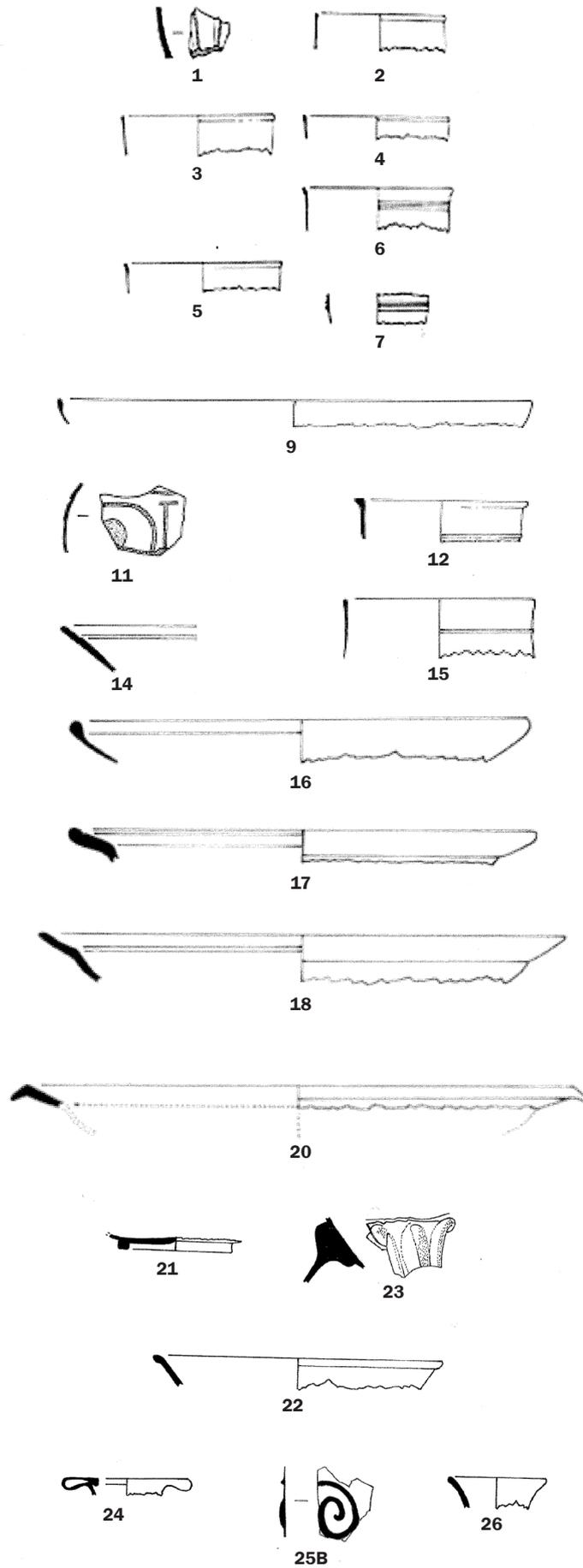


Figura 1

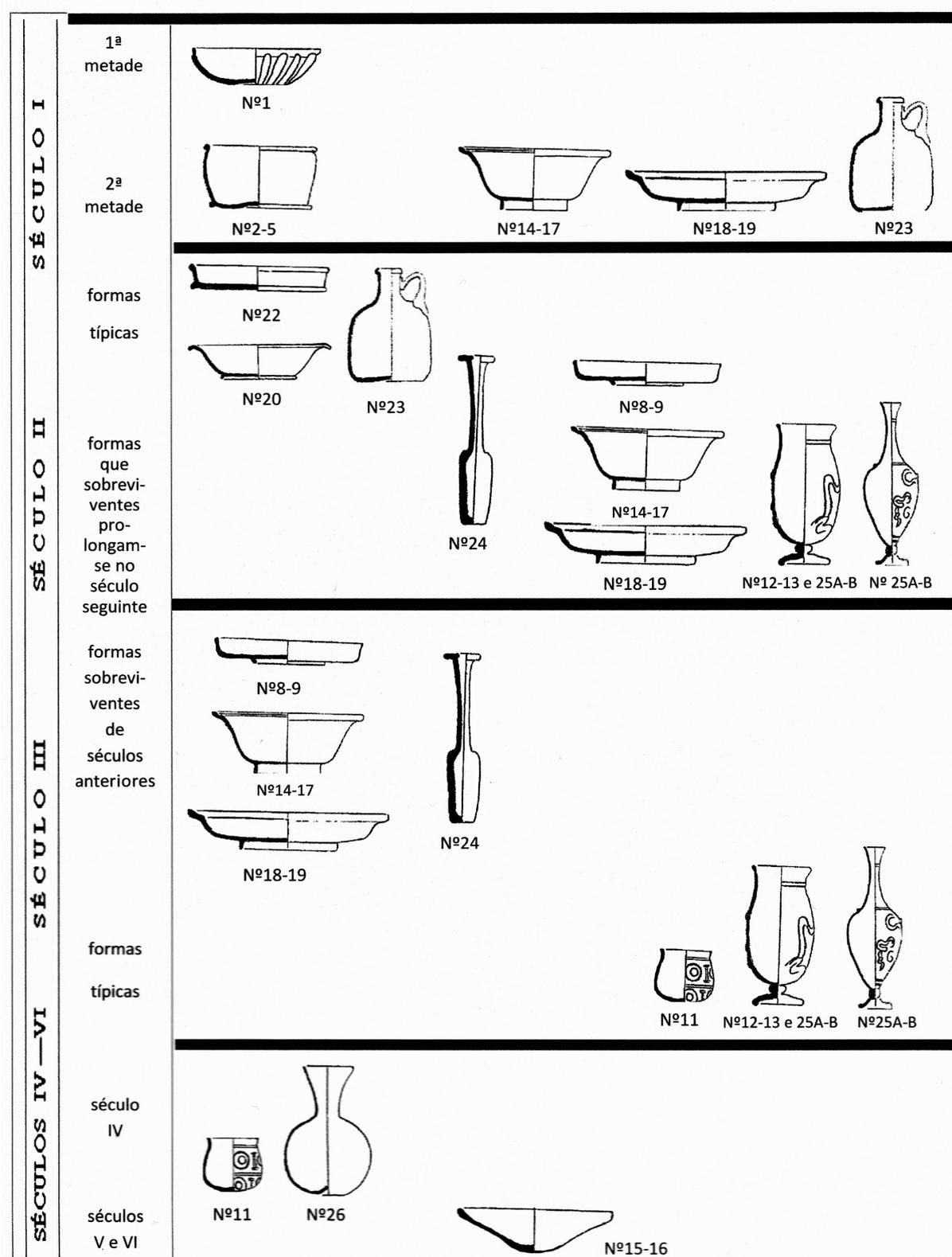


Figura 2

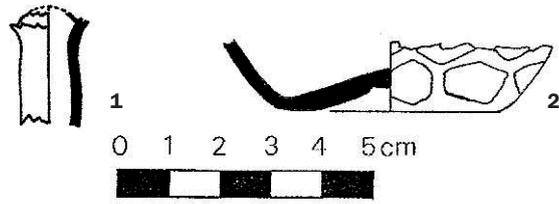


Figura 3

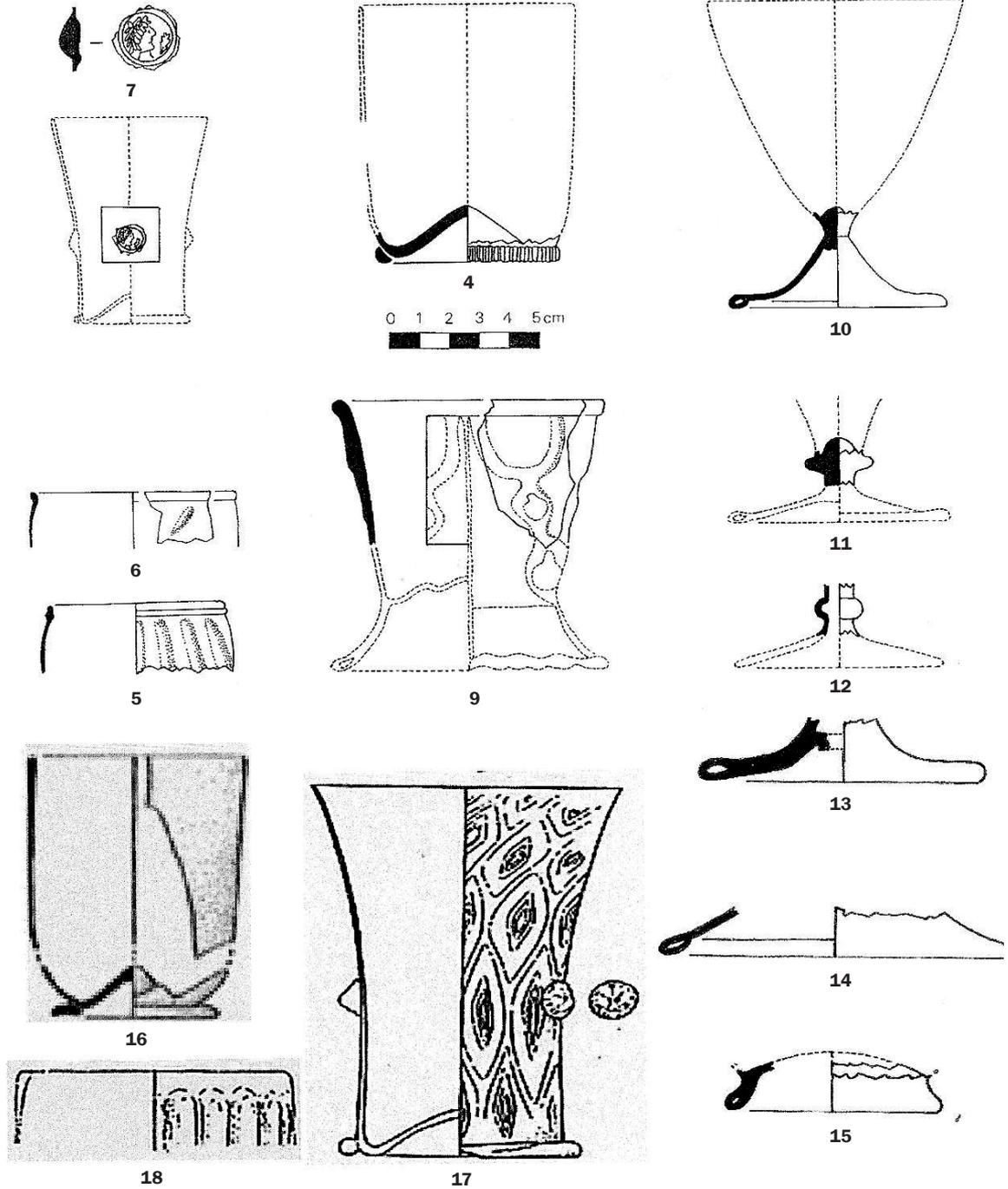


Figura 4

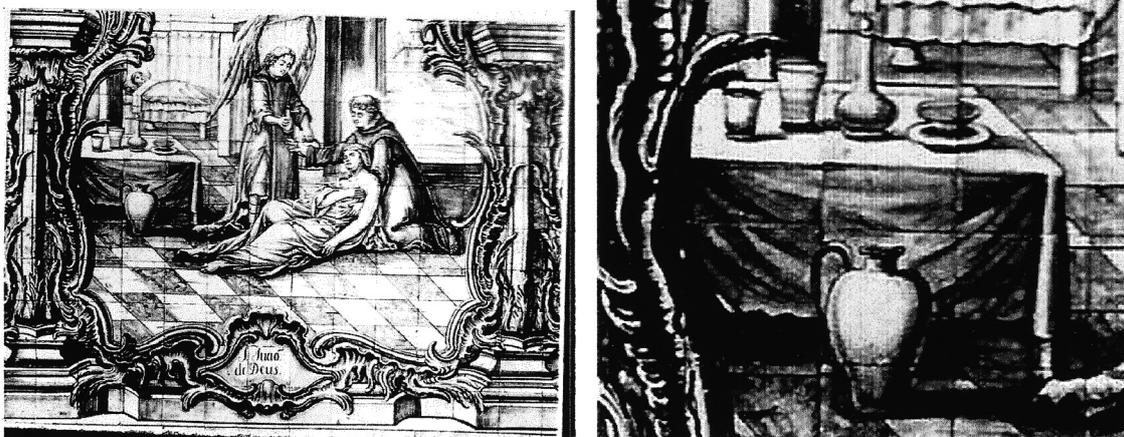


Figura 5

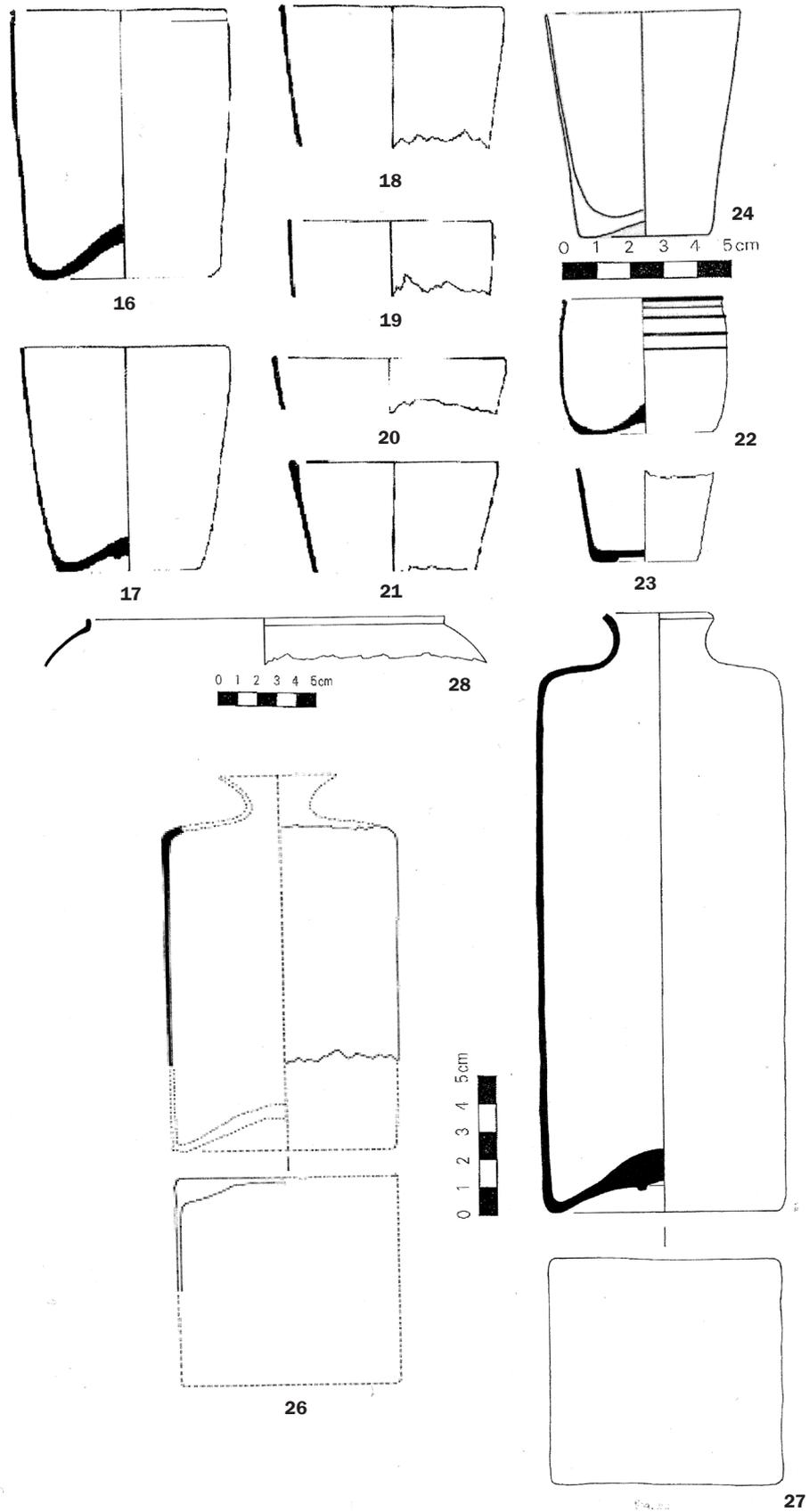
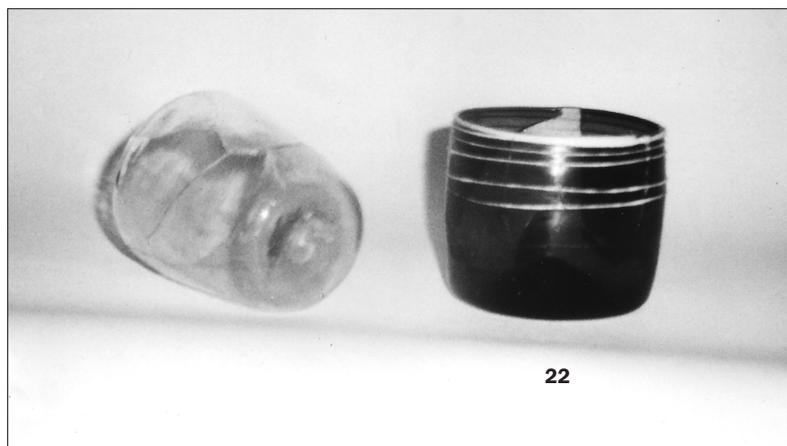


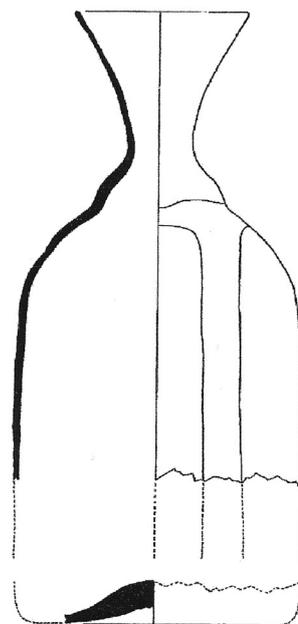
Figura 6



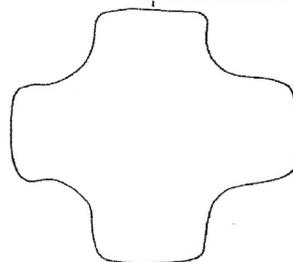
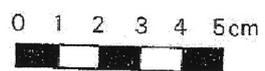
1



26



2



27

Figura 7

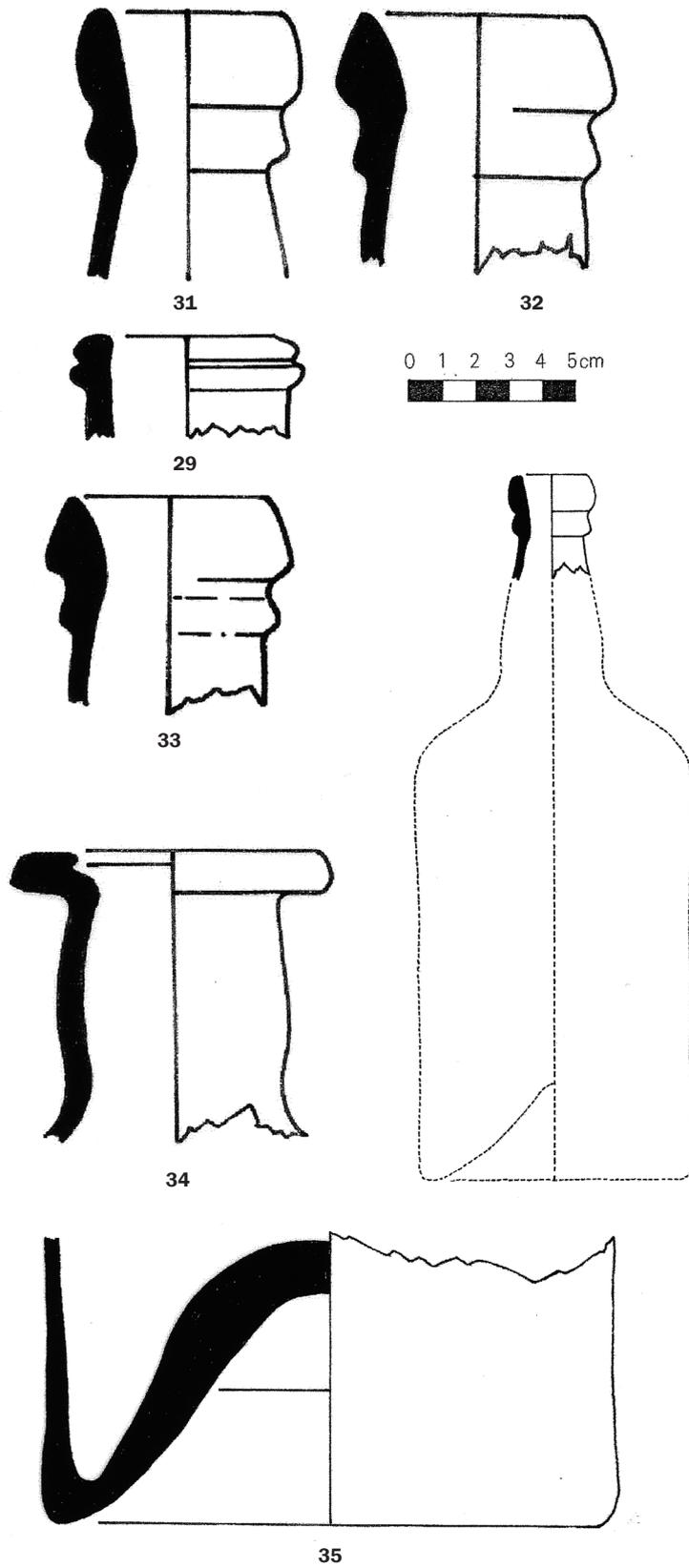


Figura 8

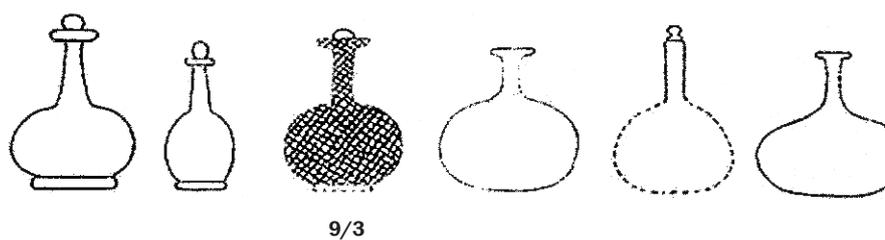


Figura 9 – Iconografia de garrafaria dos séculos XVII e XVIII em painéis azulejares portugueses. (Colecção do Centro de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian) - A e A' - Capela Real de Vendas Novas, Évora; B - Palácio do Correio-Mor, Loures; C - Quinta dos Cavões, Vila Chã de Ourique, Cartaxo; D - Col. Part. Adriano Júlio Pereira, Lisboa; E - Quinta do Portão de Ferro, Camarate, Sacavém.

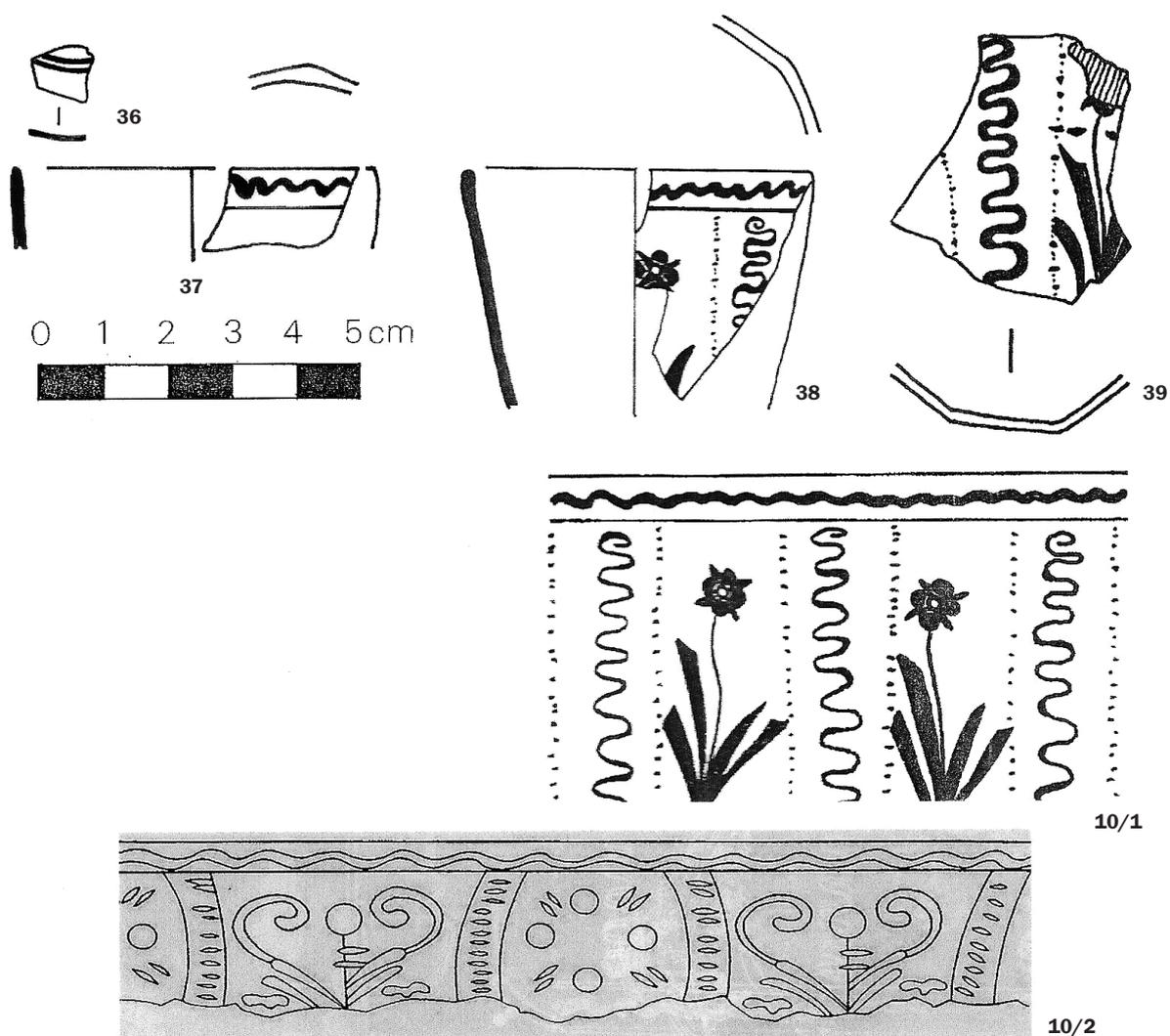
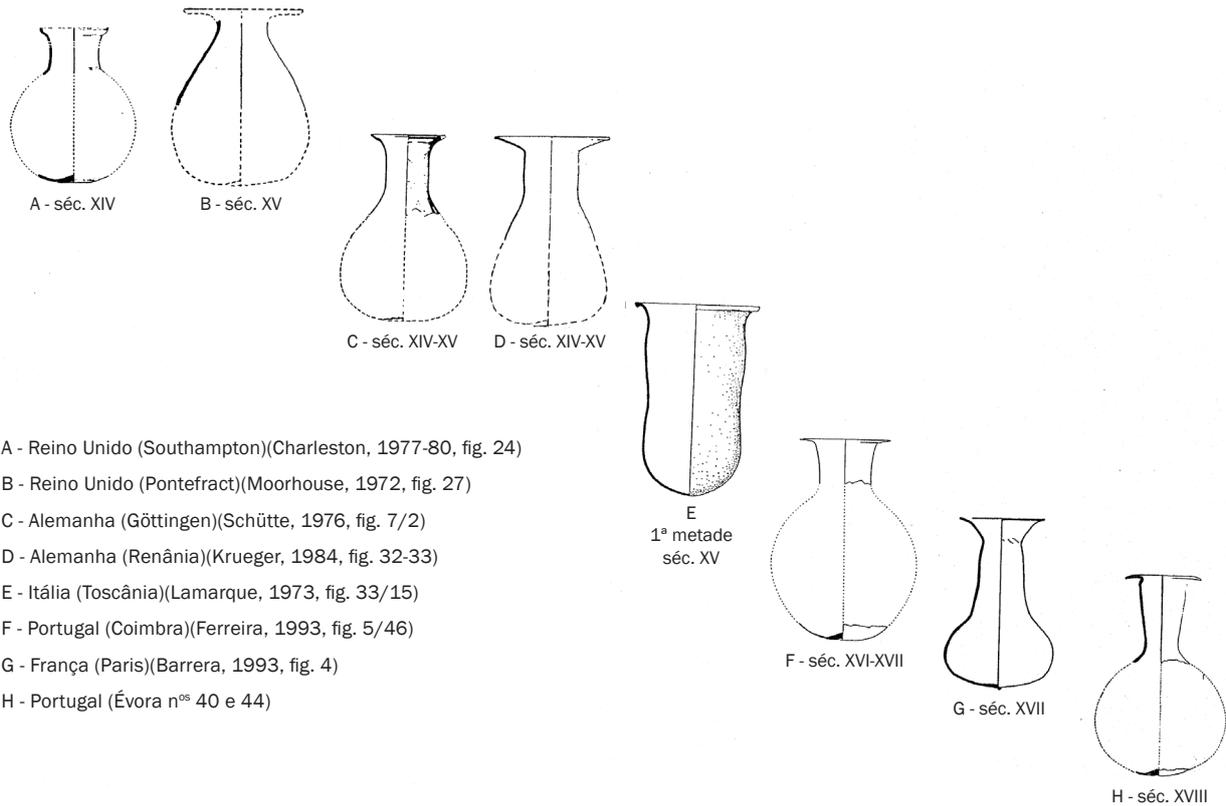


Figura 10



- A - Reino Unido (Southampton)(Charleston, 1977-80, fig. 24)
- B - Reino Unido (Pontefract)(Moorhouse, 1972, fig. 27)
- C - Alemanha (Göttingen)(Schütte, 1976, fig. 7/2)
- D - Alemanha (Renânia)(Krueger, 1984, fig. 32-33)
- E - Itália (Toscânia)(Lamarque, 1973, fig. 33/15)
- F - Portugal (Coimbra)(Ferreira, 1993, fig. 5/46)
- G - França (Paris)(Barrera, 1993, fig. 4)
- H - Portugal (Évora nº 40 e 44)

Figura 11 – A Uroscopia na Europa, nas Idades Média e Moderna.
 Testemunhos arqueológicos de urinóis dos sécs. XVI a XVII.

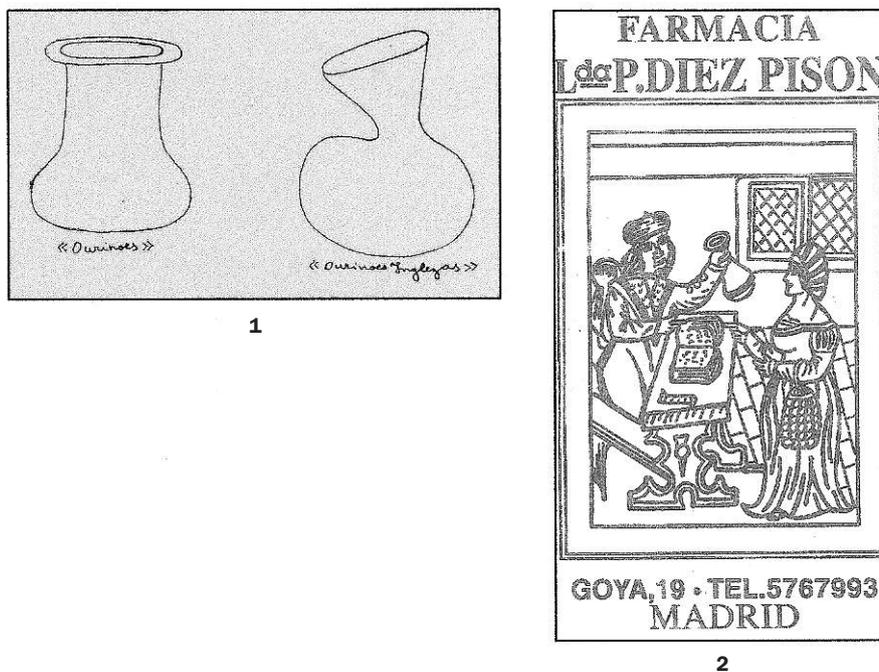


Figura 12

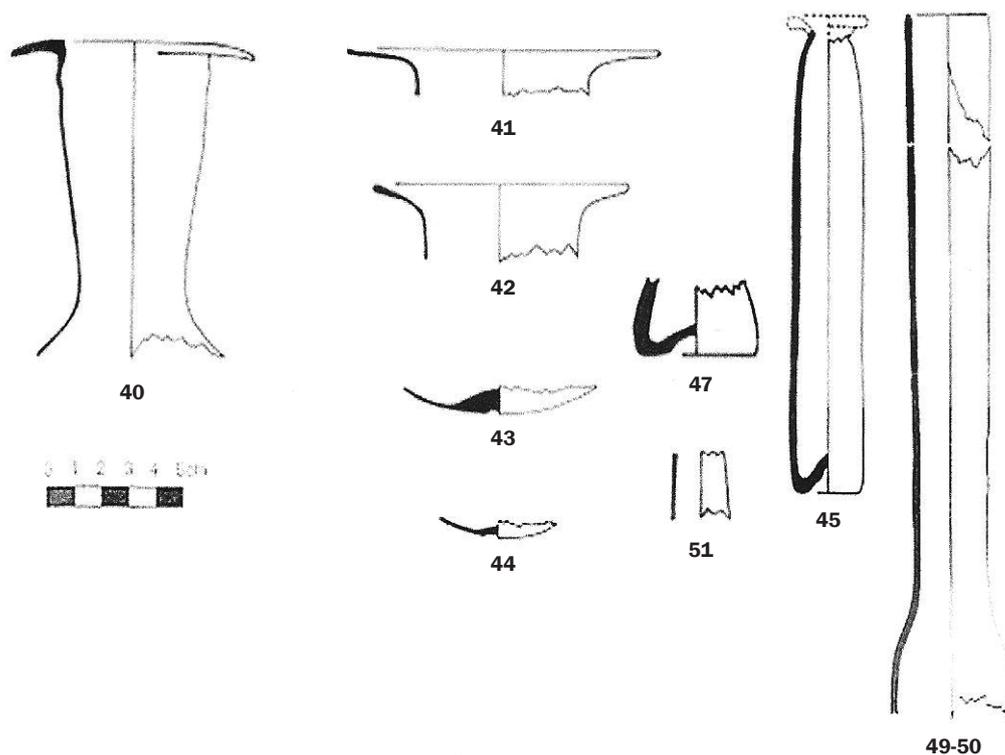


Figura 13

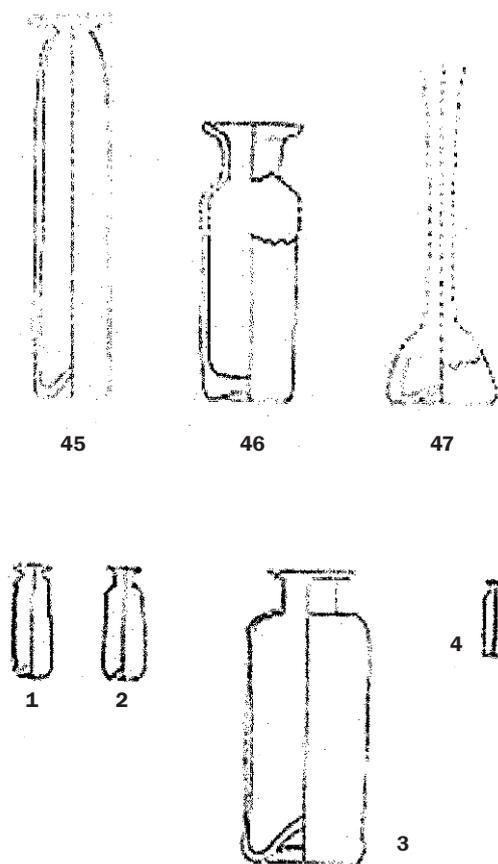


Figura 14 - Frascaria portuguesa e inglesa da uso farmacológico (Séculos XVII - XVIII).

1 - 1730-1750 (in Gooder, 1984, fig. 38/8; 2 - 1700-1720 (in Thompson et al., 1984, fig. 45/3); 3 - 1700-1730 (in Gibson e Evans, 1985, fig. 1/1); 4 - Terminus Antequem 1795 (in Ashurst, 1970, fig. 34/5).



1

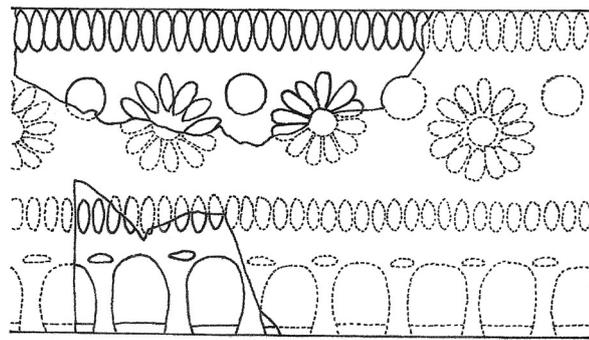
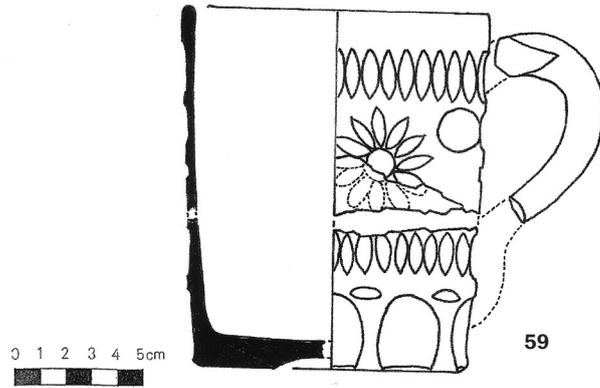


Figura 15

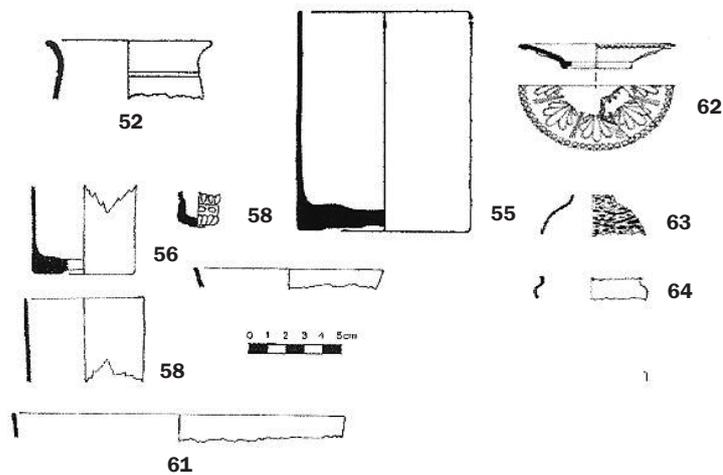


Figura 16

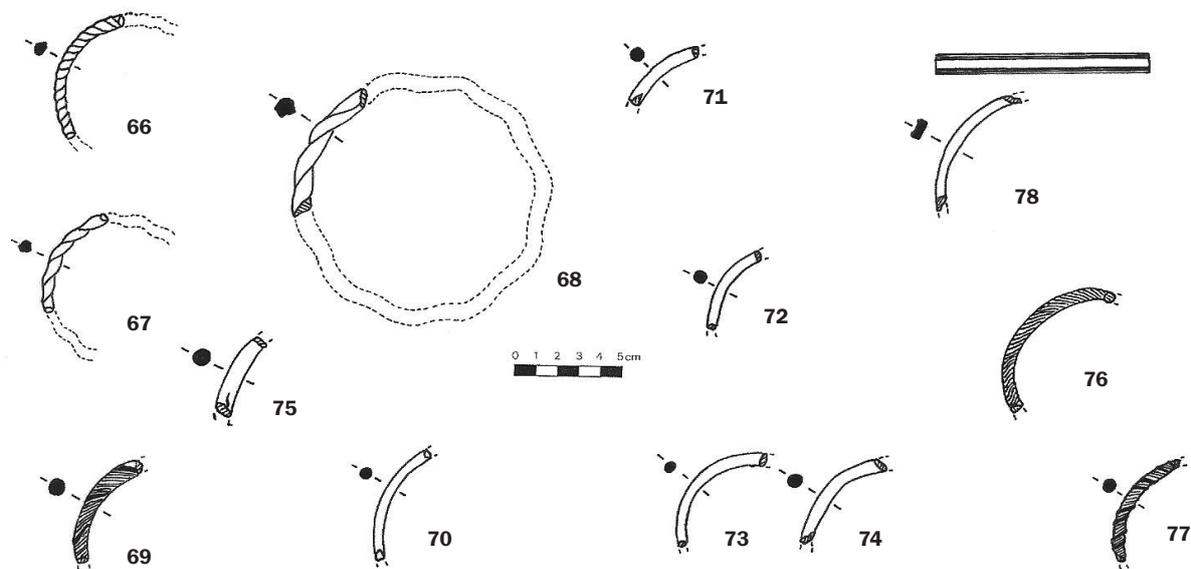


Figura 17

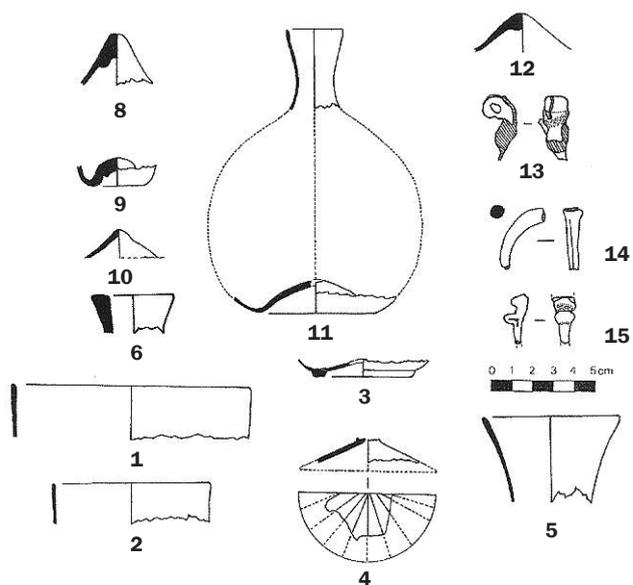


Figura 18